

A 466717



POESIAS DE THEOTONIO JOZE' XAVIER DA CUNHA.

Mertido tenho a maõ na consciencia,
E naõ digo senaõ verdades puras
Que me dictou a sabia experiençia.
Cam. . .



PORTO:

NA OFFIC. DE ANTONIO ALVAREZ RIBEIRO,
Anno de 1796.

Com licença da Mesa do Desembargo
do Paço.

Vende-se na mesma Officina na rua de S. Miguel, nas
Casas N. 260; e na rua das Flores na loja de Livros
a esquina da travessa de Feira.

869.8

X2

1796

Foi taxado este Livro em papel à 250
scis. Meza 7 de Abril de 1796.

Com quatro Rubricas.



SONETO.

HUm toma por empreza, o mar cru-
 Ir vêr o berço onde nasce o dia :
Outro da nobre, e sã Philosofia
Anda a confusa pagina indagando :

Este vai as Cidades arrazando
 Sem vergonha do Ceo com maõ impia :
Aquelle na fragosa serrania
As embrenhadas feras procurando :

Outro em másmorra fêa, e pavorosa
 Lamenta a liberdade acceso em ira ,
Queixando-se da sorte rigorosa :

Eu celebro contente ao som da Lyra
 Com Plectro d'ouro , e voz armoniosa
As raras perfeiçoens da minha Alfira.

S O N E T O.

Antes quizera vêr o Lobo irado
 No meio das ovelhas , que apascento ,
 Ensanguentando as garras famulento
 No meu lindo cordeiro remendado :

Antes quizera vêr o fogo alado
 No meu pequeno , e rustico aposento ,
 De sorte que tragasse n'hum momento
 Tudo , que a industria tinha fabricado :

Antes quizera vêr com magoa pura
 O Fado contra mim fero , e potente
 Arrojar tudo quanto he desventura :

Antes quizera vêr da inveja o dente
 Perseguir-me até mesmo á sepultura ,
 Que hum instante viver d'Alfira ausente .

SO-

S O N E T O.

EM quanto a linda Alfira neste prado
Naõ cheguei ávistar tranquillamente ,
Hia entretendo as horas taõ contente ,
Que julguei naõ haver melhor estado :

Alegre apascentava o manso gado ,
A' noite o recolhia diligente ,
E nesta vida simples , innocent
Passava os curtos dias focegado :

A's vezes na montanha procurava
A ligeira perdiz , outras no Zéla
As salpicadas trutas entralhava :

Porém Amor mostrou-me Alfira bella ;
Rendi-lhe a liberdade , que lograva ;
Já naõ cuido no gado , cuido nella.

SO

S O N E T O.

Depois, Alírfa bella, que o teu rosto
 Não vejo neste bosque, em fêa luta
 Passo os dias, chorando n'hum gruta
 Cercado das imagens do disgosto:

O meu rebanho vaga descomposto
 Pela montanha, aonde a fera hirsuta
 Ensanguentando nelle, sem disputa,
 Vai a garra veloz mesmo a seu gosto.

Olha, meu Bem, que avaro effeito gera
 Esta cruel ausencia, amarga, e dura
 No peito do Pastor, que te venera;

Ah! volta, vem mostrar-me a face pura;
 Porque se tardas mais a dôr altera,
 E a Parca me conduz á sepultura.

S O N E T O.

NAÓ tem do Vouga a placida campina
Pastora taó formosa como Alfira ;
Nem pelo Orbe todo inteiro gira
Belleza taó gentil , taó perigrina ;

Asua linda face alabastrina ,
Quem a chega ávistar d'Amor suspira ;
Nenhum vivente d'ella os olhos tira
Sem primeiro jurar-lhe paixaõ fina ;

Parece que a sagrada Natureza
Quando formou taó rara creatura
Dos cofres exaurio tóda a belleza :

Mas he pena que tanta formosura
Tenha para deslustre desta empreza
No peito hum coraçõ de pedra dura.

S O N E T O.

Não podendo soffrer a saudade ;
 Que o peito me devora impetuosa ,
 A minha Musa parte fervorosa
 A bulcar-te na triste soledade.

Ah ! céde aos ternos rogos d'amizade ,
 Deixa a margem do Vouga pedregosa ,
 Vem gozar nesta selva deleitosa
 A candida innocent sociedade :

Naõ te demores mais , Olindo*amado ,
 Vem encher a minha alma d'alegria ,
 Consolar o meu peito magoado :

Pois sem a tua amavel companhia
 Eu naõ acho recreio neste prado ,
 Nem encontro prazer na relva fria.

SO-

* O Snr. Joaõ Ignacio d'Almeida e Oliveira,

S O N E T O.

A Deos, Ninfas do Vouga deleitoso,
Ficai em santa paz, que eu vou-me embora,
Já me naõ ouvireis, como até agora,
Vosso louvor cantar no bosque umbroso:

Naõ quer o meu destino rigoroso
Que eu tenha na campina mais demora;
Aqui vos deixo a Lyra altisonora
No torto galho deste freixo annoso:

Alegrias, ficai nesta espeçura
Accompanhando o armonico instrumento,
Que eu vou chorar a minha desventura:

Fique tudo, o que for contentamento,
Pois determina a sorte avara, e dura,
Que me acompanhe só meu sentimento.

SO-

SONETO.

Póde hum rival, do zelo penetrado,
 Maquinando traiçoens, urdindo enganos,
 Trazer-me vagabundo largos annos
 De casal em casal, de prado em prado :

Póde o seu coraçao vil, refalsado
 Malquistar-me com todos os Serranos,
 De sorte que ainda aquelles mais humanos
 Me vejaõ com sombrio desagrado :

Póde em fim, realçando mais a ira,
 Privar-me a gloria, que me infunde o rosto,
 O rosto do meu Bem, da minha Alfira:

Póde... mas nada póde no supposto ;
 Pois naõ póde evitar, que ao som da Lyra
 Seu nome cante com prazer, e gosto.

SO-

SONETO.

HUm dia, que Lerenó só andava
Por hum sombrio bosque passeando,
Aos circunidos troncos procurando
Por Alfira gentil, a quem amava;

Eis que vê n' huma nuvem, que baixava
O menino vendado vir chorando,
E nelle os meigos olhos empregando;
Estas tristes palavras lhe expressava:

“ Chora, chora, mortal, tua agonia;
Porque já mais verás dentro em teus braços
A Pastora, que amavas noite, e dia;

Pois zombando de meus doirados laços
Com aspecto cruel, com tyrannia
A minha vista os fez em mil pedaços.

SO-

S O N E T O

TEnho hum pobre rebanho, q̄apacente
 Pelas verdes montanhas socegado,
 E como nelle emprego o meu cuidado,
 Ignoro inteiramente, o que h̄e tormento :

Naõ invejo a fortuna do opulento,
 Que de grandezas vive rodeado,
 Pois os thesouros tenho neste prado,
 Aonde nunca entrou o fingimento :

Aqui na companhia da ventura
 Os dias von passando alegremente,
 Sem que tema da sorte a maõ perjura :

Mil vezes graças dou ao Ceo clemente,
 Pois me deixa gozar nesta espessura
 A vida mais feliz mais innocent.

SO:

S O N E T O;

Soprava o vento já com força ingente ;
E o turbulentu már se encapellava ,
Quando a formosa Hero o facho alçava
Na janella da torre ao már patente :

Leandro, que d'Amor a chamma ardente
No archivo do peito lhe ondeava ,
Mal que a senha descobre se lançava
Com furia logo á rápida corrente :

Largo tempo venceo como animoso
Seu impeto cruel , tyranno , e féro ,
A poder do trabalho rigoroso :

Mas redobrando a ira o Noto austero
O submergio no golfo tormentoso ,
Afflito repetindo o nome d'Hero.

SO-

SONETO.

SObre a ponte do Vouga debruçado
Com a minha Pastora estava hum dia ,
Narrando-lhe a paixão que me affligia
Este misero peito namorado :

A guerra lhe pintava magoado ,
Que o seu divino rosto me fazia :
Mas a perjura a nada respondia ,
Talvez por duplicar o meu cuidado :

Até que já de todo enfastiada
D'ouvir a minha amante narraçāo ,
As costas me virou acelarada :

Ah ! tyranna , (bradei) hum coraçāo
Desprezas onde vives retratada
A pezar déssa mesma ingratidāo ?

SO-

S O N E T O.

DEspreze o gado, ao valle desço, onde
Busço a falsa Pastora, que me deixa :
Muitas vezes a chamo Aleixa, Aleixa :
E Aleixa, a dura serra me responde.

Subo ao alto cuidando que se esconde ;
Mas a Pastora, por negar-se á queixa ,
Dentro na penha concava se fecha ,
E lá de dentro o écco corresponde :

Mais atonito estou , movo o cajado ;
Toco a penha , por vêr se Aleixa attende ;
Porém frustra-se todo o meu cuidado :

Dezemgana-se Amor , porque entende ;
Que perfida cruel tem apostado
Ser penha dura , que a ninguem se rende.

SO-

S O N E T O.

SE eu me vira n'hum carcere mettido,
Horivel, feio, triste, e pavoroso,
Aonde de injustiças mil queixoso,
Vivesse de cadeas vís cingido;

Ou se da cára Patria dividido
Fosse o sertão trilhar mais escabroso,
Aonde do Leão fero, e raivoso
Me visse a cada instante accomettido;

Ou se em pobre baixel fulcando fora
O Reino de Neptuno encapellado,
Que Eolo me atacasse sem demora:

Nada me déra, em fim, tanto cuidado,
Como, Alfira, me dá viver agora
Do teu divino rosto separado.

SO-

S O N E T O.

V Inte Soes ululei por estes prados ;
Ah ! naõ duvides , naõ , Alfira impia ,
Porque a tua perversa tyrannia
Me fez soltar suspiros magoados :

Exclamei contra ti aos Ceos sagrados ;
Que a tanto me obrigou tua falsia ,
Mas livre já de tanta aleivosia ,
Respiro isento dos grilhoens pezados :

Eu mesmo , com a propria maõ , ufano ,
Por mais naõ aturar tua crueldade ,
Ao Templo os fui levar do desengano ;

Agora nesta amena soledade ,
Esquecido daquelle Amor tyranno ,
De todo vivo entregue á liberdade.

SONETO.

NA mata canta o melro negrijante
 No alqueve a saudosa cotovia,
 E o rouxinol na faya mais sombria
 Canta ao som da corrente murmurante,

O cordeirinho brinca a todo o instante,
 Apoz da cára mái na relva fria,
 Os Serranos em candida armonia
 Zombaõ do iniquo fado variante;

Produzem-lhe as ceáras louro trigo,
 E Semelle lhe dá encantadora
 Cem abundancia os dons de Baco amigo,

Ali ! corre, vem de lá, gentil Pastor,
 Vem gozar os prazeres sem perigo
 Nos livres campos onde habita Flora.

SÓ-

S O N E T O.

C Hegou , Alfira bella , o triste dia
Do nosso infausto , e duro apartamento ;
Já contra mim virou meu sentimento
A sua devorante bataria.

Os prazeres , a candida alegria ,
Batendo as niveas azas , n'hum momento
Se apartáraõ , ficando o meu tormento
Fazendo-me tyranna companhia.

Fica-te em paz , a Deos , meu Bem querido ,
Cumpraõ-se as leis do fado rigoroso ,
A pezar do meu peito entristecido ,

Pois eu me aparto já , porque he forçoso
Vá viver de saudades perseguido ,
Quem já dos teus carinhos foi mimoso.

SONETO.

AO raivoso furor da Parca dura,
 Não pôde resistir a humanidade,
 Porque levando vai com igualdade,
 O Rei, mais o Pátor á sepultura.

Tristezas, magoas, prantos, amarguras
 Nos difunde esta falsa Divindade,
 O velho encanecido, a puberdade
 São vítima infeliz da fouce escura.

Ah! miserios mortais, que descuidados
 Do dia inexorável, (fatal dia)
 Viveis no mundo em vicios atolados!

De que serve a pomposa fantasia,
 Se o que hontem dominou altos estados
 Jaz sepultado aqui na terra fria.

SO-

Ná morte do Illustr. Senhor Alexandre da Cunha d'essa e Mello.

S O N E T O.

Ergueo a Morte a maõ mirrada, e fria,
E no golpe cruel, que executou,
A mais amavel vida lacerou,
Que a natureza deu á luz do dia:

O Vouga nesta hórrida porfia
A humida cabeça levantou,
E pondo a maõ no peito suspirou
Em signal do pezar, e d'agonia:

As bellissimas Ninfas da espessura
Entregues ao profundo sentimento,
Notáraõ de ferina a Parca dura;

Outras dando suspiros cento a cento,
Derramaõ sobre a triste sepultura
O producto fiel do seu tormento.

SO-

Na morte do mesmo Senhor:

SONETO.

OH tu , que descuidado neste mundo
 Passas alegre a vida transitoria ,
 Sem trazeres ao menos á memoria
 Hum instante esse dia taõ profundo ;

Tu, q' entregue ao prazer lêdo, e jocundo
 Falsas esperanças sempre tens por gloria
 Firmando em baze vã , caduca historia ,
 Com que intentas fazer-te sem segundo ;

Repara hum pouco attento , observarás
 Nesta Urna fatal por alto arcano ,
 Em que pára a vaidade contumaz ;

Porém , ah ! teme o braço soberano ;
 Já que taõ vivamente vendo 'stás
 A pintura melhor do desengano.

SO

Na morte do mesmo Senhor.

SONETO.

HUm dia o graõ Tipheu convoca irado
A turba dos informes companheiros,
Para escalar os Astos derradeiros,
Expulsar Jove donde está sentado:

Depois de haverem montes arrancado,
O Ceo vaõ commetter aventureiros,
Mas d'improvviso o bando dos Guerreiros
Justamente se vê desbaratado:

Desta sorte Fileno pela terra
Os seus iguaes convoca irrutilantes,
Ao meu amavel Jonio fazem guerra:

Porém logo em brevissimos instantes
A pedantesca turba se desterra,
Porque Jove triunfa dos Gigantes.

SO-

SONETO.

A Lyra pendurei altisonante
 No tronco desse freixo levantado ,
 E nestas ferranias affastado
 Me queixo do meu fado variante :

Outras vezes confuso , e delirante ;
 Os dias gasto apoz do curvo arado ,
 Sem que já mais encontre o meu cuidado
 Motivos de prazer hum breve instante :

Affim as horas passo , as longas horas ,
 Sem gosto , sem prazer , sem alegria ,
 Supportando saudades matadoras :

Comigo apura o tempo a furia impia ;
 Pois me lançou com suas mãos traidoras
 O pezado grilhão da tyrannia.

S O N E T Q. *

FOge, amavel Pastora, da Cidade,
Onde rodá a traiçao perversa, e dura,
Vem gozar os thesouros que a natura
Nos offrece na verde soledade :

Vem viver 'em gostosa sociedade
Co prazer no regaço da ventura,
Pois aqui reina a paz, vive a ternura ;
As santas Leis se guardaõ d'amizade :

Verás nascer alegre o Sol dourado,
Medolar Filomena encantadora,
Prender na rede o peixe prateado ;

E até verás tambem, gentil Pastora,
Das garras da saudade libertado
O fiel coraçao, de quem te adora.

SO-

SONETO

Minha bella Pastora, quem diria,
 Que o tyranno perverso, e duro fado
 Distante do teu rosto delicado
 Sem compaixaõ alguma me poria?

Do tume detta serra tosca, e fria
 Pelo teu nome em vaõ mil vezes brado,
 Outras tantas suspenso pelo prado
 Sou hum vivo retrato d'agonia;

Naõ era assim, Pastora idolatravel,
 Naquelle tempo... oh tempo apetecido!
 Que a fortuna nos era favoravel:

Tudo mudou o fado desabrido,
 Só existe o amor invariavel,
 Que te jurei nas Aras de Cupido.

SO:

SONET Q.

A Afflito gema nesse Averno escuro
Dos Lapitas o Rei mais desgraçado ,
Já que o Templo d'Apolo decantado
A cinzas reduzio com fogo impuro :

Sinta o filho Ixion tormento duro
Na roda das serpentes manecatado ,
Por se haver fallamente assás jactado ,
Que lograva a mulher de Jove puro :

Tristes ais dê Fíneu no fogo horrendo ,
Já que aos filhos tirou o claro lume
Dos olhos , com que o Pai estavaõ vendo :

Mas nada disto chega ao alto cume
Das penas , que minha alma 'stá soffrendo
Sepultada no inferno do ciume.

S O N E T O.

VAi, Alfira cruel, Pastora infida,
Perjura, deshumana, e aleivosia,
Inda muito mais fera, e rigorosa,
Que huma Tigre da Hyrcana embravecida;

Conspira contra a minha triste vida
Tudo quanto podéres cavilosa,
Té empregar a maõ sanguinolosa
No peito, aonde vives esculpida:

Corra em denegrido borbotão
Sobre a verde campina o sangue quente
Do centro do rasgado coração;

Q'inda a pezar de dôr tão vehemente
Mil vezes beijarei aquella maõ,
Que topar nesta scena delinquente.

SO-

S O N E T O.

Fugio a santa paz, a Deos Cidade.

Vendo a discordia vil que naõ podia
De Troya hum triunfo só cantar,
Por varias vezes intentou baixar
Ao pavoroso Reino d'agonia :

Conseguiu finalmente em certo dia
O seu temivel seio penetrar,
E dentro nelle a guerra foi buscar,
Que há seculos bramindo lá jazia :

Irada já seus passos vem guiando
Esta terrivel falsa Divindade,
Furiás sobre os mortaes mil derramando :

Econdeo-se alegria : que impiedade !
Bateo as niveas azas, foi voando
Fugio a santa paz, a Deos Cidade

SONETO.

A Deos, mimosa Alcinda, q̄ he chegado
 O dia do fatal apartamento ,
 Em que o fado com vil desabrimento
 Dos teus braços me arranca magoado ;

Afflito , saudoso , e perturbado
 Vou lutar com meu duro sentimento ,
 Sem esperar já mais contentamento ,
 Que assim o tem a sorte decretado :

A Deos volto a dizer , Pastora linda ,
 Doce amor , cárbo bem , prénda adorada ,
 Pois a gloria de vêr-te agora finda :

Oh ! praza ao Ceo que nesta retirada
 Conserves sempre illésa , bella Alcinda ;
 Dentro no coração a fé jurada.

SO-

S O N E T O.

COnseguió, finalmente, a morte impia
Com a descarnada maõ sanguinolosa,
Roubar-nos huma vida preciosa,
Que era nosso prazer, nossa alegria:

Só mágoa nos deixou, só agonia
Nascida da saudade rigorosa,
Pois se trocou na scena luctuosa
Em macilenta noite o claro dia:

Mas a pezar da Lei da Parca dura, (dos
Que igual confunde os Sceptros, e os caja-
No seio d' huma pobre sepultura,

Podemos adoçar nossos cuidados,
Porque Aonio cheio de ventura
Foi habitar nos Orbes estrellados.

SO-

• *Na morte do Illustr. Senhor Antonio Leitão
Rebello Castello-branca.*

SONETO.

O Regio manto, a veste do Pastor,
 Tudo paga tributo á Parca dura;
 Naõ lhe suspende obraço a formosura,
 Nem lhe modéra a cólera o valor;

O velho, o moço lança com furor
 No abyssmo fatal da sepultura,
 Convertendo n'hum cháo d'amargura
 Do Pai, e do Amigo o terno amor;

Assim d'Aonio meu a morte infida,
 Naõ respeitando a juvenil idade,
 Cortou em flor a delicada vida:

Desengane-se a fragil moçidade,
 Já que ouvio nesta scena desabrida
 O termendo pergaõ da Eternidade.

SO-

Na morte do mesmo Senhor.

S O N E T O.

Nutraõ-se em nós terníssimos amores.

AS graças , que os cabellos enastravaõ
De Querinthia gentil acaſo hum dia ,
Vi na crystalline agoa , que corria
D'hum pequeno regato , em que brincavaõ :

Nas douradas madeixas , que ondeavaõ ,
O dentado marfim resplandecia ,
E quanto mais o gosto em mim crescia ,
Quanto mais diligentes s'apressavaõ :

Eu , estaoõ já de todo enlouquecido ,
Dando aos ares suspiros voadores ,
Exclamei : Ah ! tem dô do triste Alcíðo !

Se podéraõ teus olhos vencedores
Abrandar o meu peito endurecido ,
Nutraõ-se em nós terníssimos amores.

SONETO.

A Penas a manhã lá vem raiando,
 As estrellas já vaõ perdendo a cõr,
 Ouve-se pela campina hum tal rumor
 Que a todos faz do sonno ir despertando.

Cá sôa muito ao longe hú écco brand,
 Cá desce para o valle o Lavrador,
 Acolá se levanta o Segador
 Para a loira seára os mais guiando;

Lá vaõ duas Serranas pelo outeiro,
 E atraç d'ellas Auliro mui sezudo
 Tocando brandamente o seu salteiro,

Lá vai Felindo amante apoz de tudo,
 Todos vaõ enramados de loureiro,
 Eu só 'stou pensativo, triste, e mudo.

SÓ.

S O N E T O.

EU passo as longas horas suspirando
Nas concavas entranhas dos rochedos ,
Porque d'Amor os barbaros entredos
As minhas mágoas vaõ multiplicando :

Aborrecem-me os pássaros cantando
Pelos galhos dos verdes arvoredos ,
Bem livre de lograr instantes ledos ,
Consumo as horas com meu mal lutando .

Ah ! Pastora cruel , tua falsa
He o duro motivo , a causa urgente
Desta minha fatal melancolia :

Se o rigor naõ muderas fero , ingente ,
Verás da morte a maõ mirtada , e fria
Cedo a vida cortar d'hum inocente .

SONETO:

Para cantar da tua gentileza
 Desenhar o teu rosto delicado ,
 Por varias vezes tenho consultado
 A sabia , providente Natureza.

Porém debalde nesta grande empreza
 Tenho , Alfira formosa , trabalhado ;
 Porque louvar cantar taõ sublimado
 Não poderá já mais minha rudeza.

O Numen , que reside sobre o monte
 Na companhia das Irmãs formosas
 Regendo as agoas da Castalia fonte ,

Desprende as vozes sempre sonorosas ,
 Teu doce nome com prazer remonte
 Acima das estrellas luminosas.

SO-

S O N E T O.

Que despreze a cruel melancolia ,
Que alternativo cante ào som da Lyra ,
Que naõ gema , nem chore por Alfira ,
Josefino me pede noite , e dia :

Que no puro regaço d'alegria
Gostoso viva : (diz acceso em ira)
Mas com fervor o peito meu suspira ,
Cada vez mais envolto n'agonia.

Naõ posso resistir-lhe , sou forçado ,
Pois determina o meu fatal destino ,
Q'esta Pastora sirva desvelado :

Conheço que ella tem genio ferino ;
Porém romper naõ péde hum desgraçado
As cadeas , que tece o Deos menino .

S O N E T O .

Depois que o grilhão duro pendurei,
 Qual misero captivo resgatado,
 Do deshumano Amor, Numen vendado,
 Hum instante já mais só me lembrei :

Ós voadores suspiros, que exhalei,
 As lagrimas, as penas, o cuidado,
 Tudo da mente tenho desterrado,
 Depois que o grilhão duro pendurei :

Agora ao som da Lyra com ternura,
 Olindo, canto a doce liberdade,
 Esquecido d'Alfira avara, e dura :

Vivo gostofo, até na soledade,
 Pois não me opprime já com desventura
 O pezado grilhão da falsidade.

S O N E T O.

Pouco importa, que o sórdido Avarento
 Aferrolhe nos cofres chapeados
 Dez mil dobroens em torno farrilhados ;
 A quem tributa o doce pensamento :

(lento)

Pouco importa, que o Heroe polvoroso
 Na testa horrivel d'Esquadroes armados ,
 Sarracenos Pendoes traga arrastados
 A' presença do Rei , que serve attento :

Pouco importa, que ao lado da grandeza
 Triunfe o Cortezaõ da forte escura ,
 Ignorando os revézes da pobreza ;

Se vém depois de tudo a Parca dura
 Pegar-lhe pelas maõs com aspereza ,
 E levallos á pobre sepultura.

SONETO.

DO seio das Ayernos pavorosos
 O maldito ciume furibundo
 Por sul fureo canal sahio ao mundo
 Cercado de mil monstros espantosos.

Apas'cerão n'hunas bosques espinhosos ;
 Onde vive o silencio mais profundo ,
 E o torpe capatás do bando immundo
 Assim fallou com gestos horroresos :

“ Companheiros fieis , esse o terreno
 “ Aonde vive isento de queixume
 “ No regago da Paz cantando Alfeno ,

“ Manda pois de Cithera o santo Nume,
 “ Que soffra por effeitos de veneno
 “ Dentro no coraçāo mordaz ciume ”

SO.

• *O Bacharel Domingos Maximiano Torres;*

SONETO.

HA na margem do Vouga h'ia Pastora
De genio meigo , de gentil figura ,
A mais completa , e rara formosura ,
Que fez a Natureza creadora.

Nos seus olhos Amor se condecora ,
Na boca de rubo vive a ternura ,
E quando move os labios com doutra ,
As perolas se vêm da cor d'Auroa.

Vivos desejos anhelando correm
Pousar-lhe sobre o peito jaspeado ,
Onde as gratas esp'ranças os socorem.

Ah ! Matilia , tem dô do bando alado ,
Affaga-os coutadihos , se naô morrem
A's fanguinofas maôs do desagrado.

SONETO.

Aqui nestas álgofas penedias,
Aonde bate o mar encapellado,
Vou nutrindo no peito desgraçado
Magros zelos, crueis melancolias.

Desprendo com a dor lagrimas frias,
Que pulaõ sobre o rosto descorado,
Allivio algum naõ acha o meu cuidado
Nas longas noites, nos extenos dias.

Alli n'aréa, que amontoa o vento,
Encalhei o batel, e a rede pobre
Ficou ápodrecer no falso argento.

Pouco importa q a magoa excessos obre,
Ou a vida me tire o meu tormento,
Se aquelle affago dantes se me escobre.

SONETO.

Solta a linda madeixa d'ouro fino,
Pallido o rosto, a voz balbuciante
Vagava Dido pelo Paço errante,
Formando queixas contra amor ferino.

Seus clamores soavaõ de contíno
Nes ouvidos do Povo vacilante,
Mas nada enternecia o ferreõ amante,
Que impávido ama as leis do seu destino.

Até que Dido na fogueira impulta
Se arroja com furor acelerado,
Por dar co'a morte fim á desventura.

A ella corre a irmã com roncosbrados,
Porém debalde foi, que a Parca dura
Lhe tinha os tristes dias já contados.

SO-

S O N E T O

Para abater minha isençāo sevēra
 Os olhos de Marfiza Amor invoca,
 E no peito gentil da Ninfā tóca
 Huana setta de ponta aguda , e fera.

Alegre vêa aos bosques de Citera ,
 E as industrias da Māi sagaz convoca ,
 Ella o beija nos labios , e o provoca
 A entrar na empreza , donde gloria espéra .

“ Menino , diz a Deosa experimentada ,
 „ Vai com este mortal ferro buido
 „ Buscar do Vouga a margem dilatada ,

„ E onde vires Lereno endurecido
 „ Cerra os olhos , dispara a ponta ervada ,
 „ Quivillo-has suspirar d'Amor ferido „

S O N E T O.

DA minha desventura acompanhado,
Entrei n'uma floresta humida, e fria,
Aonde apenas murmurar se ouvia
O Vouga d'hum rochedo pendurado.

Reclino o débil corpo fatigado
No mato agreste, que a montanha cria,
As vélas dando á vaga fantasia
Para nutrir de magoa o meu cuidado.

Eis que ao alto motim d'humana rizada
Levanto os froixos olhos lacrimosos,
Buscando em torno a selva amaranhada;

Vejo a dura Marfiza, Ceos piedosos !
Com o filho de Vebus abraçada
Zombando dos meus tristes ais saudosos.

SONETO.

NA solitaria praya se queixava
Alicicto * infeliz hum certo dia,
E as tristissimas magoas , que dizia ;
Pelas boias da rede as entalhava.

A Glaura , que nas ondas se banhava
De longe a namorada voz lhe ouvia ,
Mas o triste clamor , que ao Ceo subia ,
Pelos ferreos ouvidos naõ lhe entrava.

Até que da fadiga já cançado ,
Olhando para ella hum pouco attento ,
Assim fallou em pranto suffocado.

“ Tu es causa , cruel , do meu tormento ;
,, Mas juro naõ deixar teu rosto amado ,
,, Em quanto respirar hum doce alento .”

SO-

* O Senhor Manoel Maria du Bocage , Socio d' Academia das Bellas-Letras de Lisboa.

SONETO.

E Mnegraraõ-se os valtos Orifontes,
E o desmarcado pezo dos chuveiros
Faz acoutar os simples Pegurairos,
Antes que a cheia cubra as curvas pontes.

Correm turvas as borbulhosas fontes,
Brama o vento no bosque dos salgueiros,
E os frageis passarinhos lisangeiros
Buscaõ as lapas dos grinhosos montes.

Ah! Marfiza gentil, naõ faias fôra
Da singella Palhoça, que te cobre,
Pois tudo cada vez mais s'ampiora.

Tomei para o curral o gado pobre,
Por que temo da inveja a maõ traidora
Se o nollo puro affecto se descobre.

SO-

SONETO.

Manda, linda Marfiza, o duto fado
 Separar-me de ti, de ti saudofo
 Vou n'hum feio deserto pinhascofo
 Viver penando, entregue ao meu cuidado.

Cá levo dentro n'alma eternizado
 O mais constante amor, mais extremoso,
 Pois naõ pode o voraz tempo raivofo
 As algemas quebrar do Deos vendado.

Os puros sentimentos de constante,
 A' vista da suprema Divindade,
 Renovo sobre a Pyra fumegante.

E vós, furiás da negra escuridade,
 Meu peito atormentai continuamente,
 S'eu faltar aos ditames da verdade.

50

SONETO,

A Qui, Marfiza, tens meu peito afflito;
Executa, cruel, os teus rigores;
Com amolados ferros passadores
Pne do zelo infame o vaõ delicto;

Pelas brechas fatais neste conflito
Entre a morte cercada de pavores,
Severas larvas, carcomidas dores
Trem co' as magras maõs o leve esp'rito;

Aos Elizios irá por derradeiro
Vagar a errante sombra macerada
Entregue ao doce gosto lisongeiro;

Se na festa da campa desgraçada
Gravares por piedade este letreiro;
Lerenq foi fiel á sua amada. □

SONETO.

NO tribunal da petulante inveja
 Sou condemnado á morte, e o zelo ufano
 He o rijo Ministro deshumano ,
 Que a dura pena contra mim dardeja.

Debalde o coraçāo , Marcia , forceja
 Contra o vasto rancor do monstro insano
 O collo lhe submeto , o vil tyranno
 O golpe descarregue , o sangue veja.

Mas ah ! Ninfā gentil , serás taõ dura ,
 Que neste horrendo lance desgraçado ,
 Te naõ commova a minha desventura ?

Affim será , que hum peito refalsado ,
 Naõ conhece os effeitos da ternura ,
 Os melindres d'Amor .. mal empregado.

S O N E T O.

AH! Marfiza cruel, ah! fermentida,
Peito mais duro do que a rócha dura,
Os mimosos combates da ternura
Não commovem tu'alma empedernida.

Que te custa, Pastora desabrida,
Compensar minha fé constante, e pura,
Não te horrófia a feia desventura,
Que anda sempre comigo em crua lida?

Olha, vê que he desdouro da belleza
Manter hum coração falso, aleivoso,
Nos despresos d'Amor só com firmeza.

Mas ah! que o tempo muda, inda ditosa
Talvez que venha a ser na minha empresa,
Que nem sempre o desdem he caprichoso.

SONETO:

Lreno com Alfira hum certo dia
 Brincando, as horas com prazer gastava,
 Ora a face de neve lhe beijava,
 Ora ternas finezas lhe dizia.

A Pastora gentil correspondia,
 Pois em amante fogo se abrazava,
 Outras vezes no peito descançava
 Do singello Pastor com alegria.

Por entre os bastos ramos da espessura
 Travessos applaudiaõ mil Amores
 Estes gratos effeitos da ternura.

Eis que a noite cruel vestindo horrores,
 Com tenebrosa, e feia catadura
 Fez apartar os miserios Pastores.

O SA

O SATYRO NAMORADO.

SONETO.

NHum bosque de Loureiros fabricado
Onde froixa penetra a luz do dia ,
A travessa Marfiza adormecia
Por dar tréguas ao mundo namorado :

Do seio d' huma gruta accelerado
Bicorneo monstro avido sahia ,
E no rosto felpudo se lhe via
O mais vivo sinal d' affeicoados :

Ao estrépito vil do pé fendido
Recorda a Ninf a cheia de pezares ,
E o duro monstro fica suprehendido.

Eis que no meio dos crueis azares
Apparece Lereo enfurecido ,
D' amolados farpoens toldando os ares;

SO-

SONETO.

Antes passar a vida amargurado
 Nos desertos Certões da Lybia ardente,
 Onde a garra incurvada, a fera ingente
 Me tingisse no sangue desgraçado :

Antes em funda gruta aferrolhado
 Com tristeza lutar entrecadente,
 Onde não visse mais do Sol luzente
 O resplendor dos homens tão amado ;

Antes sofrer amigo cavilloso,
 Que apenas dando as costas me pesquise,
 Se tenho, ou não estado venturoso ;

Antes lutar com dor, que me horrorize,
 Viver té de mim mesmo duvidoso,
 Antes tudo sofrera, que ter Nize.

AQS

AOS FELICISSIMOS ANNOS

D A

RAINHA NOSSA SENHORA.

S O N E T O.

O Tépo audaz, q̄ os br̄zes nañ respeita,
Que morde os Bustos, q̄ os Colossoz piza,
Que poem do estrago a ultima baliza
Nesta do mundo maquina perfeita:

O tempo, que destroça, e que sujeita
Tudo, quanto na terra se analiza,
Que devaſta as montanhas, que horroriza
A mesma Natureza, que deleita:

O tempo, cuja maõ aterradora
He flagello dos miserios humanos,
Que o mesmo que produz, iſſo devora:

O tempo, que só tem por baze os dânos,
Quebra a fouce talante, humilde adora
Da Inclita MARIA os Regios Annos.

SO-

SONETO,

NA doce habitação desta campina,
Aonde reina a paz, mora a ventura,
Só me falta, Marfiza, a formosura
Da tua linda face peregrina:

Aqui por entre a relva pequenina
Vai discorrendo a grata fonte pura,
Alem na branda Faia com ternura
O pardo Roixinol o canto affina:

Os Pastores nos bosques intrincados
Brincando com amavel singelleza,
Triunfação das paixões, dos vaños cuidados;

Porém quanto recreia a Natureza,
A não serem teus olhos engracados,
Me serve de martyrio, e de tristeza,

80-

SONETO.

GEntil Marfiza, teu divino rosto
Foi milagre da sabia Natureza,
Porque nelle ajuntou com subtileza,
Quanto nos coraçoens inspira gosto :

Por ti o mundo inteiro vive exposto
Acometter d'Amor qualquer empreza ;
Vê quanto pôde a mága gentileza,
Que o throno tem nas grandes almas posto ;

O fogo de teus olhos bulidores
Tem particulas taes, he taõ activo ;
Que occulto abraza os pobres amadores :

Ah ! naõ pense que fallo sem motivo,
Pois apenas senti os seus ardores,
De liberto passei a ser captivo.

SO-

S O N E T O .

Depois, Belliza, que me vejo ausente
 Delle teu lindo rosto anacarado,
 Nem já cuido da choça, nem do gado,
 Que apascentei na relva alegremente:

Triste, afflito, confuso, e descontente
 Suspiro pelo monte levantado,
 Mas a causa cruel do meu cuidado
 Já mais hum só instante allivio sente:

Parece, que o destino rigoroso
 Com denegrida maõ, féra, e raivosa,
 Atiça mais meu mal duro, e penoso.

Em vaõ lamento a forte duvidosa,
 Pois perdi o prazer, sou desditoso,
 A vida passo triste, e lagrimosa.

SO

SONETO.

TYranno Amor, os tēu grilhoēs pezados
Mais naō quero arrastar , aqui os deixo
No retorcido galho deste Freixo
Para exemplo de peitos namorados.

Como sempre a meus rogos magoados
Mostraste hum fero coraçāo de seixo ,
Naō he razaō, que o pobre triste Aleixo
Censagre teus altares vaōs cuidados.

Acabe d' huma vez o vil enredo ,
Com que a tua sagaz actividade
Me fazia gemer tanto em segredo.

Que o resto passarei da tenra idade
Brincando á fresca sombra do arvoredo ,
No regaço da santa liberdade.

SO-

S O N E T O .

EU quizera, Marfiza, persuadir-me
 Da nova inclinaçāo, que me tributas,
 Porém a variadade, em que labutas,
 Faz dos candidos votos eximir-me.

Naõ posso em fim, naõ devo supprimir-me
 Debaixo das prizoés d'Amor astutas,
 Andar c'os mais Serranos em disputas,
 Sentir zelos crueis, e consumir-me :

Tu es digna de emprego mais subido,
 De opulento Maioral, d'erguida choça,
 Onde naõ entre o Noto desabrido.

Deixa-me em paz viver nesta palhoça
 Co'as minhas alegrias entertido,
 Em quanto ma naõ leva a cheia grossa.

Def-
-

*Descripção do quarto do Autor, pedida por
uma Senhora.*

S O N E T O.

D'Escarros a parede matizada,
Sobre a meza bastante papel velho ;
Noutra parte sem aço antigo espelho ;
E hum tinteiro , que só vê tinta aguada ;

Do tecto immensa têa pendurada ,
Duas cadeiras já sem apparelho ,
Immundice , que dá pelo joelho ,
E a pequena janella esburacada.

Quatro Livros Francezes emprestados ;
E hum estreito lançol de côr mui preta ,
Aonde enroscó os membros descarnados.

De mordedoras pulgas tropa infecta
Porçovejos crueis , ratos malvados ,
Aqui tendes o quarto d'hum Poeta.

SONETO.

EU vi hum dia a candida Marfiza
 Pastorando a lanigera manada,
 E a sua linda face alvirrosada
 Me pôs d'Amor na ultima baliza.

Vou fallar-lhe , mas ella se horroriza
 De ouvir a rouca voz mal expressada ,
 Volta-me as costas , não atende nada
 A' dôr acerba , que me penaliza.

Justo Ceo , exclamei , será possivel
 Que taõ amavel , doce formosura
 Se mostre ás minhas queixas insensivel ?

Porém assim será , que a vil prejura
 Abriga dentro em si Nume terrivel ,
 Nem ella tem amor , nem eu ventura

SOA

SONETA.

EM quanto, Jônio, tu na excelsa Corte
Vais entendendo hum dia, e outro dia,
E no puro regaço d'alegria
Doces prazeres gozas sem transponte ;

EM quanto, caro amigo, tens por norte
Da Madama venal a companhia,
Sem do tempo temer a furia impia,
Nem do turbido zelo o agudo corte ;

EM quanto nos Theatros, e no jogo,
A pezar dos acafos da ventura,
Cumpres d'hum vaô desejo o ardente rogo;

Eu empunhando a Lyra branda, e pura,
Celébro com singello desafogo
A Deola tutelar desta espessura.

SONETO.

EU vi hum dia a candida Marfiza
 Pastorando a lanigera manada,
 E a sua linda face alvirrosada
 Me pôs d'Amor na ultima baliza.

Vou fallar-lhe, mas ella se horrifica
 De ouvir a rouca voz mal expressada,
 Volta-me as costas, não attende nada
 A dôr acerba, que me penaliza.

Justo Ceo, exclamei, será possível
 Que taõ amavel, doce formosura
 Se mostre ás minhas queixas insensível?

Porém assim será, que a vil prejura
 Abriga dentro em si Nume terrivel,
 Nem ella tem amor, nem eu ventura.

SOS

SONETA.

EM quanto, Jônio, tu na excelsa Corte
Vais entendendo hum dia, e outro dia,
E no puro regaço d'alegria
Doces prazeres gozas sem transporte;

Em quanto, caro amigo, tens por norte
Da Madama venal a companhia,
Sem do tempo temer a furia impia,
Nem do turbido zelo o agudo corte;

Em quanto nos Theatros, e no jogo,
A pezar dos acaisos da ventura,
Cumpres d'hum vaô desejo o ardente rogo;

Ea empunhando a Lyra branda, e pura,
Celebro com singello desafogo
A Deola tutelar desta espessura.

SONETO.

EU as graças cantei da linda Alfíaz
 Reclinado nos braços da ventura,
 E os robustos Carvalhos da espessura
 Trouxe, qual Anfíao, apôs da Lyra.

Os meus écos tocando n'alta espica
 Suspenderão do tempo a roda impura
 E os monstros de máis feia catadura
 Aplacarão d'ouvir-me a crua ira.

De Note quebrantei a raiva impia,
 O terrível furor exasperado,
 Com que pelas campinas discorria.

Hoje nestas montanhas enfragado
 Choro, entregue á voraz melancolia
 As duras inconstâncias de meu fado.

MA

MAGICA D'AMOR.

S O N E T O.

HUm dia de tristeza arrebatado
Em Gaido consultei Amor tyranho,
Onde a Urna medonha o Deos insano
Mo apresentou com gesto carregado.

Vou nella a mas meter sobresaltado,
Eis que huma voz resoa : « Quem profano,
» Sem primeiro temor o mortal danno,
» Se atreve acometer tal attentado ? »

Tremebundo fiquei , e o susto ingente
Fusilar ante os olhos meus contemplo ,
Dando á magea cruel farga recente.

De improviso se esconde o fatal templo ,
Veja nos pulsos hum grilhao pendente ;
Tristes mortaes , que desabrido exemplo !

SONETO.

Esta que vês, Marfiza, flauta bella,
 Enramada de flores sem desvio,
 Certo dia, cantando em desafio,
 A Montano ganhei lá junto ao Zella.

Depois da triste, e infauda perda dell'E
 Geime o Pastor em aspero desvio,
 Nas entranhas do bosque mais sombrio
 Accusa de cruel a sua estrella.

Alli as longas horas vai passando,
 Do desgosto amarrado á vil cadea,
 No misero sucesso contemplando.

Porém ah ! que elle a falta só receia
 Do canoro instrumento lindo, e brandio,
 Mas he porque lho tinha dado Althaea.

SONETO.

Fugio do mundo a cándida amizade
Sobre as azas subris do brando vento,
E lá no luminoso Ethereo assento
Foi viver co'a suprema Divindade.

Eis que do Averno a perfida maldade
Surge, pegada ao torpe fingimento,
Correm buscar pomposo acolhimento
No confuso tumulto da Cidade.

Espavorida a sólida virtude
Dos seus Direitos, geme despojada,
E o capricho vénal ao nescio illude.

Espirou entre nós a paz sagrada,
Deixando neste lance acerbo, e rude
Toda a terra de sangue salpicada.

SONETO;

No pé desse Loureiro alto ; e robusto
 Que nome gravei da gentil Marfiza ;
 Jozina , que isto vê , paixão , e pesquiza
 O segredo , que oculta o verde arbusto .

Dentro n'alma confusa o frio susto
 Pelo espelho dos olhos se deviza ,
 Huma , duas , toas vezes analiza
 O motivo cruel do escrito injusto .

Ao Ceo , erguendo os olhos pezaroço ,
 Pede que os dias miserios lhe acabe ,
 Ou lhe revele o caso duvidoso .

Eis que ao lado húa voz severa , e grave ,
 Assim lhe diz : « Pastor es desditoço ,
 » Os segredos d'Amor nínguem os sabe .

SONETO

DE te adorar, Marfiza, naõ espero
Igual adoraçāo, que forá offensa
Fundar na cavilosa recompensa
Qmuito, que te estimo, e que te quero.

Ou mostres rosto affavel, op severo,
Assim mesmo me causa gloria imensa,
Ora pensa meu bem agora, pensa
Se meu constante amor será sincero?

Que importa que me negues a ventura
Do rosto te beijar, a māo nevada,
Se assim mesmo te adoro com ternura.

Porque a pezar da sorte desgraçada,
Os votos levarei á campa escura,
Da minha adoraçāo nunca violada.

SO-

S O N E T O.

SOnhei, linda Marfiza, que beijava
Teu semblante de neve fabricado,
Que via nos teus braços compensado
Aquelle fino Amor, que me abrazava.

Sonhei que no teu peito entronizava
A minha pura fé, o meu cuidado,
Que dividir já mais podia o fado
A divina prizaõ, que nos ligava.

Sonhei, q as meigas Ninfas, e os Pastores
Ao som de acorde Lyra marchetada,
Nos cantavaõ reciprocos louvores.

Eis que ao funebre som de voz magoada
Acordei laborando em mil horrores,
Só magoas vi depois, não vi mais nada.

SONETO.

A Quelle grande Heroe aventureiro.
Celebre gloria da Mancha decantada ,
Que aos duros golpes da tremenda espada
Horrorisou o mundo todo inteiro.

Arrosta a gruta d'hum Leao guerreiro ,
Insultando com voz exasperada
A gorda fera , que no chaõ deitada ,
Gozava do repouso lisongeiro.

Depois q o monstro com desprezo ouvio
Do famoso Quixote injurias mil ,
A ver quem era rapido sahio.

Mas attentando na figura vil
Deu tres voltas , a cauda facudio ,
Tornou-se a recolher para o covil.

Man-

Eronia.

Mandando certo amigo do Auctor convidallo para brum brinquedo campestre, elle lhe respondeo no seguinte

SONETO.

O Lindo, está hum frio exasperado,
E por seguir as leis de bom prudente
O dia passarei na cama quente,
Da suprema garrafa acompanhado.

Pouco importa q̄ as Ninfas ao montado-
Magustos vaõ fazer na chamma ardente
E que em torno do bando alegremente
As applauda quem vive namorado.

Hum membro fui da santa sociedade,
Mas hoje fujo ao visco da gaiola
Para ser Prégador da sã verdade.

Embora soffre tu a corriola,
Pois eu adoro a santa liberdade,
Já naõ como cevada prezõ a'rgola.

SQ-

SONETO.

OS dias passo afflito suspirando
Nas tortas margens do cerúleo rio ,
E os tristíssimos ais , que ao Ceo envio
Vaõ pelas cavidades retumbando.

O gado pelos montes vaga errando ,
Do pequeno curral posto em desvio ,
A onde a magra fome , o agudo frio
Lhe vaõ os tenros membros lacerando.

Alli naquelle penha cavernosa
Cheguei a desfazer com aspereza
A Lyra de marfim armoniosa.

Pois trago taõ diversa natureza ,
Que aborrecendo a vida preciosa ,
Tudo sem ti me serve de tristeza.

SO-

*Mandando huma Senhor pedir ao Auctor
huma idéa da sua firmeza, elle lhe remetteu
o seguinte*

SONETO

EU amei com desvelo a Nizé bella,
Mas vi de Marcia a rara formosura,
Captivou-me, jurei-lhe com ternura
Sobre as áras d'Amor paixaõ singella.

Apenas a Pastora se desvela,
Os votos quebro, delacero a jura,
Pois de Felinda a magica figura
Entra a fazer feliz a minha estrella.

E quando mais gostoso presistia
Na posse deste objecto incomparavel,
Eis que vejo de Laura a galhardia.

Deixei logo Felinda respeitavel,
Protesto a Laura a minha idolatria,
Ora vejaõ se ha genio mais mudavel.

SO-

S Q N E T Q.

Profundos valles, toscas penedias,
Habitaçāo funesta do segredo,
Onde sempre habitei com susto, e medo
Nas garras das crueis melancolias.

Copados bosques, longas serranias
Quebrou a maõ da sorte o meu degredo;
Pois nem sempre o venal, barbāo enredo
Triunfa da poder das alegrias.

Vós q' acerbas paixões narrar me ouvistes
Nascidas d'hum amor cego, e funesto,
Meus aís magoados, meus suspiros tristes.

Fechai dentro no yeio unico resto
Do tormento infeliz, em que me vistes,
Naõ seja meu delirio manifesto.

SO-

SONETO.

A Qui n'esta aprazivel soledade
 Alegre vou passando a doce vida ,
 Sem que a trompa da guerra enfurecida
 Me publique o decreto da vaidade.

Naõ temo a feia maõ da vil maldade ;
 Que traz o mundo inteiro em crua lida ;
 A minh'alma fiel anda embebida
 Da santa paz na candida beleza.

Quando o Sol na feara a espiga erezia
 O gado vou levar á fonte fria ,
 Depois procuro a placida floresta.

Sé chove corro á lapa mais sombria ;
 Gostoso vivo , porque nada infesta
 A muda habitaçao da serrania.

SONETO.

R. As que-me embora a pallida tristeza
As miserias entranhas palpitantes ,
E os teimosos ciumes devorantes
Contra mim se conspirem com fereza ,

Da incerta ausencia a barbara crucza
Faça de Nize as juras vacilantes ,
Procure os meios mais estravegantes
A forte de tentar minha firmeza ;

Ponha-me no deserto mais profundo ,
Aonde me acometam furiosos
Colerico Leão , Drago iracundo :
Que a pezar dos destinos duviados ;

Hei de guardar com animo jucundo
De meu amor os votos preciosos.

SO-

SONETO.

O Cofre de safiras marchetado,
 Onde o destino tem com avareza,
 Por decreto da sabia Natureza
 Os pacificos genios ferrolhado:

Por aviso de Jupiter sagrado
 Hum dia aberto foi com subtileza,
 E p'ra consummaçao de certa empreza
 A' luz do mundo hum delles foi tirado

Foi este o dia, o dia venturoso!
 Em que Nize nasceo, Nize formosa,
 Para gloria do Vouga saudoso;

A ella vda, e Nize graciosa
 O recolheo no peito alvo, e mimoso,
 Apar d'hum'alma justa, e virtuosa.

Ac-

*Accusando certa Senhora o Autor, porque
sempre fallava no mesmo objecto, elle lhe res-
pondeo no seguinte*

S O N E T O.

FAlia o Rei na conquista dilatada, (te;
Que ao Sceptro unio cõ braço altivo, e for-
E o triste pertendente pela Corte
Na tyranna injustiça executada :

O Mercador na frota empavezada
falla, q'espera do polido Norte;
O outro no rigor da infausta sorte,
Que faz a sua vida desgraçada :

O misero Pastor falla no gado,
De donde os lucros lhe provem maiores;
E o singello Cultor no curvo arado :

Fallaõ no barco, e rede os Pescadores;
Nas memorias da Patria o desterrado;
Mas eu naõ sei fallar, senaõ d'Amores.

S O N E T O :

Quem vive n'hum dezerto pavoroso,
Sem vêr o lindo bem, que firme adora
Carcomido ciume lhe devora
As entradas, o peito disgostofo.

Vai consumindo os dias duvidoso;
Entregue á crua dôr, que naõ minorá
E a perfida saudade turbadora
Lhe redobra na causa o mal penoso.

Naõ somos nós assim, Marfiza bella,
Porque adorando a tudo, quanto vemos,
Escapamos do zelo á vil cautela :

Sigamos, doce bem, estes extremos,
Verás quanto hé suave a grata estrella,
Essa estrella feliz, em que nascemos.

SO-

SONET Q.

A Colmada choupana, o manso gado
Perdi na tenra juvenil idade ;
E algum tempo vaguei na soledade ;
Da minha desventura acompanhado.

Naõ satisfeito ainda o negro Fado
Da sua desabrida atrocidade ,
Me conduzio á misera Cidade
De vastas esperanças rodeado :

SO-

SONETO

DAs entranhas do pégo salinoso,
O marino Tritão saltou hum dia,
E nas crespas, rugosas maos trazia
O buzio, com que atroa o Ceo radioso.

Depois subido n'hum penhasco algofo,
Que fica junto á playa humida, e fria,
Por tres vezes chamou com alegria
Lilia, a quem adorava fervoroso.

Apenas éco fôa na espessura,
Sahe a mimosa Ninfâ namorada,
Cheia d'affecto, cheia de brandura.

Só tu naõ ouves minha voz cançada,
Ou he teu coraçao de rocha dura,
Ou tu foste no caucao gerada.

SO-

S O N E T O.

Depois de ter as rôdes apanhado
Marino, a hum salgueiro prende a barca;
E nas humidas prayas desembarca,
De Saveis, e Taínhas carregado:

Encaminha-se á gruta focegado,
Que para saõ repouso alegre marca;
Accende o lume, e na fogueira parca
Cozinha o gordo peixe delicado:

Tranquillo come, isento d'agonia;
Depois, entregue ao sonno mais profundo,
O resto passa do calmo dia.

Acorda: vê o Mar lêdo, e jocundo,
Torna de novo á doce pescaria,
E somba dos caprichos deste mundo.

SO-

SONETO.

A Rosa na manhã do Abril dourado,
 Pela candida Aurora borrifada,
 Taõ galante naõ he , Marilia amada ,
 Como teu lindo rosto anacárado :

Quiz dar a Natureza espanto ao Fado
 Na obra mais mimosa , e delicada ,
 E apenas te acabou , fica pañmada ,
 Pois outra igual a ti naõ tem formado :

O monstro mais feróz da selva Hircana ,
 De sanha horrivel , condiçao maligna ,
 Se rende á tua vista soberana.

Pois sahiste taõ bella , e peregrina ,
 Que a naõ dizer-me a fé , q̄ eras humana ;
 Ah ! crê que te adorava por Divina.

SO-

S O N E T O.

A Prazivel campina, tempo amavel
Alegre apascentei aqui meu gado,
Isenta do mortifero cuidado,
Que os humanos contemplaõ favoravel:

Da caduca fortuna variavel
Naõ cobiçava o Throno marchetado,
Tranquilla ouvia pelo extenso prado
Do passarinho a musica agradavel:

A' noite conduzia socegada
O rebanho fiel, só entretida
Na lembrança da choça desejada.

Mas que vale de Amor fugir á lida,
Se nos braços da mesma Paz sagrada
Por Lereno me vi d'Amor ferida.

SO-

Fortuna, e Amor já mais os braços unem.

S O N E T O.

Para ruina inteira dos humanos
Nasceo Fortuna, e Amor ambos n'hú dia ;
Ambos filhos do Engano , e da Mania ,
Que o Destino formou por ícias arcanos ;

Colocou-os em Thrones soberanos ,
E dos Orbos lhes deo a Monarquia ,
Onde com solapada hypocrisia
Reinaõ soberbos com oppostos danos :

Seus vassallos mais dignos de equidade
Vaõ premiar ; e os votos se dezunem ,
Que em dous Numes naõ ha conformidade..

A's vezes a virtude amavel ponem ;
Como dominaõ com desigualdade ,
Fortuna, e Amor já mais os braços unem.

SO-

Triste o peito, a que Amor a setta aponta.

S O N E T O.

AMOR he dos mortaes flagello horrivel,
Perseguidor eterno da belleza;
Pois o Throno fundou sobre a dureza,
Para mostrar-se a queixas infensivel.

Seu coraçao tyranno, alma terrivel,
Nutreia-se de gemidos, e crueza;
E os ternissimos ais da singelleza
Ouve sempre com animo inflexivel.

Disfarçados venenos suaviza,
Em quanto escravos os mortaes naõ costa,
Que vencidos em ferros tyranniza.

Aos mesmos Deoses seu poder affronta,
Aniquila, captiva, tala, e piza;
Triste o peito, a que Amor a setta aponta.

Sustos, zelos, desgraças Amor cercaõ.

S O N E T O.

NAs ruinas de Troia , e de Cartago
Contemplo hum pouco , e fico espavorido ;
Vendo de Herões o sangue disparzido ,
Reliquias tristes de horroroso estrago.

A' creadora mente a origem trago ,
Donde tamanho damno ha procedido ;
E só acho , ai de mim , q o Deos de Gnidio
Tantas almas mandou ao fundo lago.

Pobres humanos , pobres desgraçados ,
Que o mudavel prazer alegres mercaõ ,
A troco de paixoens , e de cuidados.

Mas para q a lembrança d'Amor percaõ ,
Amor he Pai funesto dos enfados ;
Sustos, zelos, desgraças Amor cercaõ.

SO-

Já quebrei as prizoēs do Deos manboso.

S O N E T O.

I Ngrata, conheci a aleivozia
De teu barbaro peito; mais naō quero
Victimas degolar no Altar severo,
Onde a Ternura os faxos accendia.

A liberdade já meus passos guia;
Naō tenho Amor; enganos naō tolero;
Pois no Templo da santa Paz venero
A tocha da razaō, que me alumia.

As algemas fataes, os ferreos laços;
Pendentes ficaō deste Freixo idoso,
Por desengano dos errados passos.

Busca novo sectario ferveroso,
Que eu mostro livre das prizoēs os braços;
Já quebrei as prizoens do Deos manboso.

ODE

AO EXCELLENT., E REVERENDISSIMO
SENHOR
D. FR. MANOEL DO CENACULO,
Bispo de Béja, Orando.

O D E.

EU naõ canto os Heróes sanguinolentos,
Que dividindo as ondas furiosas ,
Tremulantes bandeiras arvoráraõ
Lá onde nasce o dia :

Esses bravos Heróes , que naõ temendo
A descarnada maõ d'Atropos dura ,
Rompendo nuvens de farpadas ferras ,
O Mundo agrilhoáraõ.

Cruze o fero Trajano muito embora
O grande Tigres , o famoso Eufrates ,
Babilonios , Chaldéos , Syrios , e Peras
A seu jugo submeta.

Tra-

Traga Cesar ao alto Capitolio ,
Rodeado d'armigeras falanges ,
Belicosas Naçoens ao leve carro
Gemendo maniatadas.

Em batalha naval destrua irado
Soberbos Capitães , e sem piedade
Faça descer mil almas d'improvisto
Ao 'Tartaro medonho.

Canto o Sacro Orador, Divino Interpretete ;
Que subjugando o vicio dissoluto ,
Nos mostra os claros raios da virtude
Em Magestoso estylo.

Estas as Armas , o Varaõ he este ;
Que decantando vou ao som da Lyra ,
Da Lyra altifonante , que me deu
O venoso Horacio.

Ah ! s'os tristes mortaes hoje seguisselem
Os virtuosos passos , que lhe ensinas ,
Fugindo á iniquidade , zombariaõ
Do medonho Dragaõ.

O medonho Dragão, monstro severo,
 Perseguidor da fraca humanidade,
 Gostosos pizariaõ, naõ temendo
 As dovorantes garras.

A triste inveja, e a discordia triste,
 A rispida soberba, o vil orgulho
 Largariaõ por terra os Estandartes,
 Fugindo da Campanha.

Até que o tempo pela maõ trazendo
 A doença cruel, e a Parca dura,
 C' o a thesoura fatal hum córte désse
 No derradeiro fio.

Fugiriaõ do Mundo desabrido
 Sobre as azas das inclitas virtudes,
 Para a Patria dos Bemaventurados
 Associar c' os Anjos.

ODE

O D E.

Quantos, prezado amigo, as leves horas
Dos frívolos prazeres no regaço
Entretem a pezar da sá virtude,
Que os homens condecora.

Quantos envestigando os vastos mares,
Sobre as azas dos ventos furiosos,
Não subjugar as terras, que pertencem
A outros Senhorios

Quantos juntos á excelsa Magestade,
Cavillando o conselho, os olhos fitaõ
No vergonhoſo interesse, aonde fundaõ
As feias esperanças.

A torpe adulaçā brutal, e enorme
Lhe imprime dêtro n'alma as leis malvadas,
Com que os Povos cançados tristes gemem
Nas garras da Indigencia.

A pavorosa guerra aos ares solta
 Os terríveis pendoens , e o bronze rouco
 Retumbando nos montes cavernosos
 O mundo dezafia.

N'hum batalhaõ enorme os vicios todos
 Contra as bellas virtudes se conspiraõ ;
 A candida razaõ , e a probidade
 O campo desamparaõ.

Estes monstros ferozes discorrendo
 De Cidade em Cidade , abolaõ , pizaõ
 A misera innocencia , o santuario
 Vacilla nos seus eixos.

Delirante o commercio se affugenta
 A'gricultura perde os seus direitos ,
 Confundem-se as Sciencias respeitaveis ,
 Arrazaõ-se os Museos.

Toda a ordem , que forma a sociedade
 Pervertida se vê , e a Paz dourada
 Forçando as nivais azas , deixa o mundo
 Nas trevas confundido.

O homem cavilloso he membro inutil,
Porque arrasta a razão, piza a verdade,
Encobrindo c' o véo do engano habil
A perfida mentira.

Naõ confies, Nizeno, em apparencias,
Reja tu' alma a solida verdade,
Qu'esses bens, que a fortuna mal reparte,
Saõ filhos da velleza.

Levante embora o férvido privado
Altos Palacios, reluzentes téctos,
Atropelle no coche fugitivo
O pobre remendado.

Trema d'ouvir-lhe o nome o pertédeite,
A vaidade lhe offereça no regaço
Quantos dons produzio a madre terra
Nas humidas entranhas.

Que o Destino fatal, volvendo a urna,
Porá por terra a maquina soberba,
Formada pela maõ da iniquidade
No seio do capricho.

Entaõ, entaõ de longe ouvindo o estrõdo;
Veremos quanto he bello amar a Patria ,
Consagrar-lhe os talentos , e as fadigas
Com animo singello.



ODE

ODE SAFICA.

Q Uebra , Fileno , as ávidas cadêas
A'vista ingrata da mudavel féra ,
Que faz nas garras da tristeza horrivel
Gemer teu peito.

Olha que o tempo , tragador do mundo ;
Enruga as faces da belleza amavel ,
Louros cabellos faz tornar em brancos ,
Torpes os membros.

O fogo vivo dos divinos olhos
A graça perde , que domina os peitos ;
Aonde as settas d'hum volver mimoso
Brechas abriraõ.

Tristes imagens da velhice curva
Ao lado vðaõ da tyranna Parca ,
Nas maõs trazendo com pavor temivel
Tremendo Edicto.

Nocturnas Aves nas cerûleas grimpas
 Piando afflictas, o pregáõ alternaõ,
 • Que a magoa imprime no fatal momento;
 Que Jove marca.

Da sã virtude o candido semblante
 Só brilha illeso da luzente fouce,
 Que as vidas talla, que os Imperios corta
 Com fio agudo.



ODE.

O D E.

EM quanto, caro Silvio, * afficto esfhe
Nos dezertos Certoens da India vasta
O incalçavel fôrdido avarento
Brilhante pedraria.

EM quanto o lisongeiro abominavel,
Dobra o corpo servil aos pés do Grande,
Aniquilando a santa probidade
Com simulado gesto.

EM quanto na campanha belicosa,
Brâdindo a ferrea espada envolta em morte
O collectico Heroe, mil almas manda
A' regiao do premio.

Tu

* O Doutor Jozé Antonio de Saldanha e
Sousa.

Tu das supremas Leis na ambiguidade
 O doce tempo gasta, quanta gloria
 Consegue a Patria nas emprezas arduas
 De taõ amavel filho !

Naõ acurva teus hombros gigantescos
 O desmarcado pezo das fadigas ,
 A honra da Naçao , o bem do Estado
 Zelas com peito forte.

Quantas vezes da rabida mentira
 O dissoluto collo tens calcado ,
 A pezar da calumnia depravada ,
 Que os creditos devora !

A desvalida , misera orfandade
 Dos engilhados braços da penuria
 Contente salvas , satisfeita goza
 Os mimos d'abundancia.

Profano vulgo , conhecer naõ podes
 A Ethica sublime da virtude ,
 Onde estriba os Direitos Religiosos
 O solido heroismo.

Naõ

Naõ se adquire a honra a par do interesse ,
Hum animo constante , huma alma grande
Já mais dirige os vôos gloriosos
Ao Throno da cubiça.

Tem por timbre a razão , das acções todas
Analyſa primeiro , que decida ,
Inflexivel balança lhe regula
As maximas felizes.

Embora o Tempo audáz os brózes morda ,
Engula os Bustos , os Colosſos pize ,
Que da virtude os dotes luminosos
Duraõ co' a eternidade.

A M I Z A D E.

O D E.

DAs malignas paixões o bando enorme
 Sahe do tremendo abyssmo pestilente
 Envénenar a Epoca dourada ,
 Que os homens fez ditosos.

Após ellas a inveja truculenta
 De serpes mil a fronte guarnecida ,
 Com feios silvos envegando os olhos
 Abala o firmamento.

Eis que do seio da brutal caverna
 O pomo lança a rabida discordia ,
 Nas torpes mãos do mundo vacilante
 Patrono das intrigas.

Turbaõ-se os ares , o prazer s'esconde ,
 Horridos monstros na campanha esgrimem
 Agudas armas , que da infamia erdaraõ
 Baixas , fracas entranhas.

Dos

Dos venenosos golpes rubro sangue
Golfando, pula sobre a terra dura,
Mas apparente vêo encobre a chaga,
Que o tempo apenas cura.

Ah! misera Amizade, que dezertos
Vejo teus Templos de fieis devotos,
E os perfumes dos teus altares santos
Dirige hum vaô capricho.

A lacrymosa, e perfida apparencia
Os trages te roubou, e os membros torpes
Lhe cobrem, a pezar de mil gemidos,
Que os turvos ares cruzaô.

Muitos de longe a teus altares dobraô
Os tremulos joelhos, mas no peito
Desabrida tençaô, vibrando enganos,
Ataca os teus Direitos.

O Mundo adorador de vâs quiméras,
Só a desordem préza, homens infames
Nâo conhecem os dons da singelleza,
O candido focego.

Naõ somos nós assim, amado Filvio, *
Pois apartados do tumulto enorme
Gozamos pelos bosques reclinados
Os fructos d'amizade.



Ao

* *O Padre Antonio Pereira do Espírito Santo, intrínseco Amigo do Autor.*

Ào mesmo, inspirando-lhe o Amor das Letras.

O D E.

TYranna hypocrisia, horrendo monstro ;
Que dentro nas entranhas venenosas
Fumentas mil traiçoens , e o lasso engano
A lingua te menea.

A caterva brutal de vicios torpes
Com apparente mascara de virtude ,
Dardeja contra a pobre humanidade
As tristes desventuras.

Tu lhe dictas as frazes simuladas ,
E hum sardonico rizo poens nos labios
Da mentira venal , que te acompanha
Nas férvidas contendas.

Renhidas rexas reinaõ , freme a terra ;
E ao rouco som da trompa retrocida
Tremulas Iras , contra a paz dourada ,
As armas descarregaõ.

Eis que no meio do tumulto enorme
 A candida Innocencia se descobre ,
 Entre algozes crueis de gestos duros
 Co'as roixas maõs em ferros.

Perguntaõ-lhe o motivo , que a conduz
 Ao Tribunal iniquo da vingança ,
 E com tremula voz responde : ó Ceos ! .
 A vil hypocrisia.

Esta fera , gerada entre a fraqueza ;
 Com placidos affagos , rizos meigos ,
 Encobrindo a traiçaõ perversa , e dura
 Me entrega ao cadafalso.

Ah ! Filvio, caro Filvio, vê que exemplo ,
 A quem vive na triste sociedade
 Da cavilosa tropa d'inimigos
 Da sã Filosofia.

Hum pedante naõ pôde ser singello ;
 Pois abraça por lei irrevogavel
 Quantos vicios lhe dicta a molle encerfa ,
 Alheia da verdade.

Quem

Quem ama as Letras com desvelo ardente,
Tem por base a virtude, os homens ama,
E se o vicio conhece iniquo, e duro,
He só para o desprezo.

Curvado sobre os Livros não deseja
O Diadema cingir na magra fronte,
Nem debellar os muros torreados
Dos vizinhos Monarchas.

Alli mais ouro tem, que teve Midas,
Energicos painéis, jaspes famosos,
Vestidos recamados, seges, quintas,
Na solida moral.

Embora cève o rude ambicioso
A vista prespiquáz nos ferreos cofres,
Que o mais leve revez da irada forte
Lhe arranca as fechaduras.

A leitura porém ensina o homem
A zombar do flagello das paixões,
A virtude lhe imprime dentro n'alma
O zelo d'amizade.

O Sabio, quando sahe do alvergue pobre,
Leva todos os bens, sem levar nada,
Naõ teme do rapina a maõ astuta,
Alfanges naõ recêa.

Mas ah! meu caro Filvio, o tempo v̄ga,
Foge a doce estaçao da mocidade,
Em quanto a dura inveja o peito fere,
Corramos para os livros.



ODE

O D E.

A Negra Furia, que preside attenta
Do Baratro aos tremendos Consistorios,
Por entre espessas, fétidas voragens,
Surgio do Mundo á face.

Trázia á destra hum bando taciturno
De horridos mestros, em sanguineos ferros;
E aos formidaveis silvos, que arrancavaõ,
A terra estremecia.

Os carrancudos filhos da Tristeza;
Em torno destes, instigavaõ fortes
Os vigilantes férvidos cuidados,
Que o Erebo gerára.

Movendo os tortos pés tacitamente
Mil opácas cavernas esquadrinhaõ,
Domicilio das aves agoureiras,
Amantes do silêncio.

H

Eu;

Eu, que do zelo nas pungentes unhas
 Errava o denso bosque, á luz vedado,
 Eis olho, e vejo a tropa macilenta,
 Cerca-me o debil vulto.

Supplico-lhe piedade, e a furia brav
 Manda quebrar os ferros, que subgigaõ
 Os notivagos monstros devorantes;
 E assim, assim lhes falla.

„ Por Decreto dos Numes vingadores
 „ Sahisteis da Tartaria Monarquia,
 „ Tendes presente a victima funesta,
 „ A cólera dos zelos.

„ Rabidas anciãs, dardejai sobre ella
 „ Hum alito viscoso, e pestilente,
 „ Roedoras suspeitas lhe consumaõ
 „ Os dias desgraçados.

„ Os Edictos os Deoses não revogaõ
 „ Quem atrevido vâa, humilde caia,
 „ Pague nos braços do fatal desprezo
 Idéas mal fundadas.

DE THEOT. JOZE' XAV. DA CUNH. 115

Disse o Monstro feróz : e a vil Cohorte
Cravando-me no peito as ferreas garras,
Espadanou o sangue delinquente
A' vista de Marilia.



ODÉS I.

LA' junto ás margens do Zella
 Vi huma Serrana bella ,
 Que atraz do gado ,
 Que apascentava ,
 Do Deos d'Amor
 Queixas formava.

É na voz que desprendia ;
 Esta expressão proferia :

“ Ditoſo tempo ,
 „ Ditoſa idade ,
 „ Em que eu gozava
 „ Da liberdade.

„ Mas roubou-me o Numen cego
 „ Com ella o doce focego ,
 „ Agora errando ,
 „ Todo este prado ,
 „ D'amargo pranto
 „ Tenho regado.

Ah !

„ Ah ! fugi , Ninfas amadas ,
„ D'Amor ás crueis filadas :
„ Vivei illesfas
„ Dos seus farpoens ,
„ Que elle he verdugo
„ Dos coraçoens. “

O D E II.

T Eu rosto , Pastora linda ,
Como d'antes amo ainda ,
Inda a constancia ,
Conservo illesfa ,
Que te jurei
Na Pyra accefa.

Porque o tempo inimigo
Naõ pôde tanto comigo :
Embora apure
Sua traiçao ,
Porque naõ muda
Meu coraçao.

Hum peito que sabe amar ;
 Não pode o tempo mudar ;
 Pois sem que tema
 A fôuce dura ,
 Os votos guarda
 Na sepultura.

O D E III.

Debaixo d'hum freixo
 Musgoço , e copado
 A' sombra sentado
 Eu vi a Lereno.

Trazia pendente
 A placida Lyra ,
 Aonde d'Alfira
 O nome soava.

Eis que de repente
 Os ares silvando ,
 Amor revoando
 A elle se chega.

Pastor desgraçado ,
(O Numen dizia)
Chora a tyrannia
Do tempo voráz :

Aquella Pastora ,
Que amavas fiel ,
Quebrou infiel
As minhas prizoeis :

As juras que fez ,
Nas tímidas Aras ,
Com vozes amaras ,
Cruel profanou.

Agora a Montano
Com dura traiçao
O vil coraçao
Perjura entregou.

Amor soluçando
As azas bateu ,
E o triste gemeu
Com ancias mortaes.

Em pé se levanta,
E com brava ira
Armonica Lyra
No tronco desfez;

E logo co' plectro
N'hum lizo salgueiro
Gravou hum letreiro,
Que assim expressava.

“ Ninguem se confie
„ Já mais nas Pastoras,
„ Porque todas ellas
„ São falsas traidoras ”.

O D E . IV.

A Porta sentada
Da pobre cabana,
Alfira Serrana
Com outras brincava;

Do

Do triste Lereno,
Que a seus pés gemia,
Zombando se ria
Da sua fraqueza:

Até que o Vendado
Com cólera intensa
N'humma nuvem densa
Ante ella apparece:

O arco prepara,
E a corda atezando,
No ar vai silvando
A setta veloz:

Da linda Pastora
No peito a cravou,
A qual suspirou
Pela rota ferida;

E logo batendo
As azas velozes,
Com lúgubres vozes
Assim expressaya:

„Aquel-

„ Aquelle mortal,
 „ Que amando isençoens,
 „ A's minhas prizoens
 „ Quizer resistir,

„ Protesto que finta
 „ O fogo d'Amor,
 „ Pois tenho a favor
 „ Alfira gentil „.

O D E V.

N As fríidas noites
 Do Inverno pezado
 As horas consumo
 Ao fogo sentado.

Da serra lhe bebo
 Vermelhos dicôres,
 E pego a Lieu
 Ardentes furores:

Mas

Mas quando a botelha
Estou esgotando,
As graças, os rizos
Diviso n'hum bando,

Que alegres em torno,
Formando Choréas,
E'palhaõ as magoas
Das minhas idéas:

Entaõ d'improviso,
Sem me demorar,
A Lyra tempero
Começo a cantar,

Pois como discorre
A vêa fecunda,
Que ás vezes de partos
Taõ froixos abunda.

Da minha Pastora
Celebro os louvores;
Zombando da inveja
De certos Pastores:

Seus

Seus longos cabellos,
 Das almas prizoen,
 Objectos saõ dignos
 Das minhas Cançoens,

Os olhos travessos,
 O peito alcorvino,
 Do meu louvor saõ
 Assumpto divino,

Que em tudo he galante
 Alfira formosa;
 Assim naõ tivera
 Condiçao zelosa.

O D E VI.

Não tenho lavouras;
 Nem quintas, nem gados,
 Nem tenho montados
 A' roda do Vouga;

Naõ

Naõ tenho de meu
Nem huma choupana ;
Alhêa cabana
O frio me tolhe ;

Malhados novilhos
No monte apascento ,
E neste tormento
O tempo entertenho ;

Porém com a taça
De vinho espumoso
O dia ditoso
De teus annos brindo.

Alfira , recebe
Com doce vontade ,
A simplicidade
Da minha lembrança .

ODE

ODE VII.

A Hum vergel,
 Onde a belleza
 Se vê patente
 Da natureza,

A linda Alfira
 Chegou hum dia
 Acompanhada
 Da dôr impia,

Sentou-se junto
 De hum rouxo Lyrio,
 Por dar sinaes
 De seu martyrio,

E logo alsando
 A voz sentida,
 Mostrou que estava
 D'Amor ferida.

Hus

Huma avesinha,
Com dôr de ouvilla,
Fez diligencias
Por divertilla;

E de tal sorte
A enterneceu,
Que sobre o braço
Adormeceu:

Porém Lereno,
Que occulto estava,
Direito a ella
Se encaminhava:

C'os olhos fitos
No rosto amado,
Da maõ lhe tira
Logo o cajado;

E sobre elle
(Em fraze breve)
“Lereno te ama”
Tremulo escreve.

Ao

Ao pé lho deixa,
E com temores
Se esconde astuto
Entre humas flores.

Acorda Alfira,
E para hum lado
Vê sobre a relva
Estar o cajado:

Vai a pegar-lhe
Com ar ligeiro,
E mal descobre
Nelle o letreiro

Confusa indaga
Co'a vista o prado;
Porém não vendo
Pastor, nem gado,

Suspensa hum pouco;
A letra admira,
Aqual gostosa
Beija, e suspira.

ODE

ODE VIII.

EU triunfava
Livre d'Amor,
Nada temia
Seu passador.

Dos mais amantes
Escarnecia,
Quando suspiros
Soltar lhe ouvia.

Tinha o socego
Na soledade,
Gostoso amava
A liberdade.

Atraz do gado,
Livre de queixas,
Não repetia
Tristes endeixas.

I

Mas

Mas hoje, que amo
Alfia ingrata,
Que por ser firme
Taõ mal me trata,

Formo queixumes
Ao Cœo sereno,
Em qualquer parte
Afflito peno:

Mas a pérjura
Tem tal rigor,
Que nada sente
A minha dôr:

Antes por vê-me
Andar penando,
A causa della
Vai augmentando.

Os meus carinhos,
Minhas finezas
Me recompensa
Com asperezas.

Ah!

Ah! fermentida,
Peito inhumano,
Que mais farias
A hum tyranno?

O DÉ IX.

Pensas, Montano;
Que só desejo
Arar os campos
Do fulvo Tejo?

Ou que appeteço
Altas privanças,
Onde me nutrao
Vás esperanças?

Ou que appeteço,
Vencendo azares,
Ir vêr estranhos,
Occultos mares?

Ou que appeteço
O metal puro,
Que a terra guarda
No seio escuro?

Pois não, Montano,
Outra ventura
A minha idéa
Gozar procura;

Dezejo ao lado
Da linda Alfira,
Libando as taças,
Pulsar a Lyra.

Estaca ventura
He, que appeteço;
Que outra no mundo
Não reconheço.

verso Webster

O D E X.

Mimosa Alfira,
Tem piedade
De quem padece
Voraz saudade.

Ouve piedosa
Os meus gemidos;
Ah! não lhe negues
Gratos ouvidos.

Naõ me desprezes,
Vê que a ternura
He companheira
D' huma alma pura.

Eu bem conheço
Que és constrangida;
Mas neste lance
Me expoens a vida.

Pon-

Pondera bem
Que hum terno amor
Naõ o conserva
Qualquer Pastor.



A' MOR.

ESSAYS

A' MORTE DE NIZE E C L O G A.

LERENO, E AGRARIO.

P Ela encosta d'hum monte solitario,
Lujas grenhas o placido Mondego
Retraça nas diafanas correntes,
Caminhava Lereno apôs o gado,
Mas taô confuso, afflito, e descontente
Que no palido rosto se lhe via
O desabrido effeito da tristeza;
Depois parando, aos Astros luminosos
Ergueo os frôxos olhos meios d'agua,
E assim fallou com voz pezada, e debil
»Como consente o Ceo, como consente
Sobre a face da terra hum pobre humano,
A quem tanto a desgraça vil persegue;
Se huma vez da ventura o lindo rosto
Descubro a meu favor, se glorias tenho,
Volvendo o tempo a roda, a poucos passos

De

De mil magoas me vejo combatido:
 Eu tive já cabana levantada,
 Tive bois no curral, cabras no monte;
 Mas hum raio voraz trágou-ma inteira,
 E as feras degolaraõ-me o rebanho,
 No maior desamparo desta vida
 Alguns tempos vaguei pela montanha,
 Mas como era de Jove assim vontade,
 Que delle provem tudo neste mundo,
 Tudo vi com semblante socegado,
 Depois mudando a sorte de figura,
 Pelo meio dos candidos amigos
 Tornei a ser feliz, como algum dia,
 No trafego do campo ameno, e puro,
 E o restante do tempo hia entretendo
 Na bella educaõ dos tenros filhos
 De oppulentos Maioraes da nossa aldeia,
 Mas ah! tyranno Amor, Amor singido,
 Tu geras tes a magoa, que me opprime,
 Tu fostes o motivo: assim fallava,
 Quando Agratio Pastor velho, e prudente
 A elle se chegou enterneçido.

AGRA-

A G R A R I O.

Ah! meu caro Lerenho, que piedade.
 Não causa na minha alma compassiva
 O tormento cruel, que te attribula,
 Porém, meu doce amigo, o desconcerto
 Com os homens nasceno, tudo te falivel:
 Tu vieste, haverá doust, ou tres mezes,
 O Rio taõ soberbo, é fúrioso,
 Que dos marcôs sahindo, arrancou fôra
 As uteis Oliveiras, que o cercavão.
 Hoje taõ pobre vai, que humilde beija
 Do mais pequeno seixo a liza planta.
 Ah! naõ te desconsoles, naõ te afflijas,
 Naõ irrites de Jove a Potestade,
 Consola-te co'a mòdica pôbreza,
 Naõ queiras oppulências, vê q' as choças
 Quanto mais altas saõ, maior a queda.

L E R E N H O.

Oh! quanto, bom Agrario, quanto sinto,
 Que em tal occasião venhas achar-me,
 Pois busquei este monte ingreme, e feio
 Para chorar meus males, minhas magoas,
 Contando ás duras penhas, que me cercaõ.

Naõ

Naõ he por desprezar tua compaõha;
 Que sempre me foi grata; os teus conselhos
 Podem fazer feliz o mundo intiero.
 Assim, se alguma cousa te mereço,
 Retira-te, Pastor, naõ te acometa
 Da minha desventura a mab pezada.

A G R A R I O.

Pois, amigo fiel, se os vís revézes
 Do tyranno destino alegre viste,
 Se em pobre alhêa chocaste albergaste
 Contente, e satisfeito, hoje que o tempo
 Te concede alguns bens, e a vida reges
 Com applauso de todos no contorno,
 Que motivo te obriga a formar queixas,
 Nos dezerios, fugindo á socidade?

L E R E N O.

Naõ he, Agrario meu, o giro insano
 Das feias desventuras já passadas,
 O motivo da magoa, que me opprime,
 Pois os bens, que a ventura nos concede,
 Subsistência naõ tem, naõ sab constantes;
 A paixaõ, que me abafa o peito afflito,
 Tem origem maior, he mais sensivel;

Po-

Porém como, Pastor, aqui te achaste.
 Ouvirás toda a historia lamentavel,
 Que só destes rochedos confiava.
 Tu sabes, meu Agrario, e todos sabem,
 Quanto sempre vivi d'Amor isento,
 Não porque aborreeesse o doce trato
 D'hum grata amizade ; para amar-se
 Creou Jave supremo a formosura,
 Mas as delordens, que n'Aldêa via
 Nascidas de ciúmes indiferotos,
 Me fazia fugir d'afins laços :
 Cortejava as Pastoras na campina,
 Frequentava os brinquedos ao Domingo,
 Porém com tal cautela, meu Agrario,
 Que no peito remorsos não sentia ;
 Largos tempos passei vida folgada,
 Na cultura das terras embebido,
 Podava as tortas vides a bom tempo,
 E os exertos fazia aos meus vêsinhos.
 Mas hum dia, oh Ceos ! dia funesto !
 Fui á choça de Brás, a quem respeito,
 Sobre a venda dos bois tomar conselho,
 Com as filhas de Brás huma Pastora

Vi,

Vi, mais bella, que o Sol, q nos aquenta,
 Apenas pôs em mim os meigos olhos,
 Hum fogo trepedor senti no peito,
 E o coração pular como encantado;
 Então comigo disse: Céos piedosos,
 Perdi a liberdade! Indigno jugo
 Entrei a supportar, o amavel campo
 Me entrou áborrecer, a poucos passos
 Retirei-me dalli tão pensativo,
 Que o mesmo Brás, se attento reparasse,
 No meu rosto veria o meu transporte.
 Porém como na ausencia a viva chaga
 Dobrau os seus efeitos; resolvi-me
 A procurar no campo o doce objecto,
 A quem tinha cedido a liberdade;
 Tu conheces, Pастór, a bella Nize,
 Q'he sobrinha de Brás, filha d'Anfrizo;
 Mil vezes fui ao bosque, á fonte, áldea;
 E como o Pai de Nize he mui zeloso,
 Moderei algum tempo os meus extremos,
 Para não ser flagello dos seus dias;
 Huma tarde, que o Sol crestava as plantas,
 No bosque a vi, das rosas reclinada,

En-

Entregue ao brando sonno , mansamente
 Os passos para ella fui movendo ,
 Comtemplei o seu rosto alvo , e mimosa ;
 E huma linda grinalda entretecida
 De mil diversas flores , sobre a frõnte
 Tremendo lhe cingi , as maõs de neve .
 Hindo attento beijar-lhe , os lindos olhos
 Abre sobresaltada , assim fallando :
 " Como , ó louco Pastor , como te atrevés
 A macular sem pejo o saõ decóro ,
 Que se deve a meu ~~sexo~~ respeitavel ?
 Eu pensava , Lereno , que a prudencia
 Abrigavas no peito , este conceito
 A' muito me devias , porém hoje
 De todo está perdido " ; e levantou-se .
 Como vi seu enfado , enternecido
 Principio a fallar desta maneira :
 " Naõ culpes , bella Nize , o meu arrojo ,
 Teus meigos olhos culpa ; delles nasceu
 Este fogo d'Amor , em que m'inflammo ;
 Vi teu rosto gentil , e alma captiva
 Na suave prizaõ do meu cuidado ,
 Nunca mais cultos fiz á liberdade ;

E tanto adoro o doce captiveiro ;
 Que se livre me visse, morreria.
 Já não tenho fócego , amado bem ,
 Vago pelas campinas , como louco ,
 E para ser maior a mágoa interna ,
 Nem das penhas confio o meu segredo .
 Ah ! faze , bella Nize , venturosa
 Esta fera paixão , que me atormenta .
 Não te peço finezas repetidas ,
 Huns longes de piedade , hum rizo ameigo
 Basta para lisonja deste affecto .
 Tal impressão fizerao na su' alma ,
 Na su' alma inocente as minhas vozes ,
 Que assim me respondeo com singeleza :
 « Doce , amado Lerenho , á muitos tempos ,
 Que neste peito encerro a doce calma ,
 Nascida da paixão , que Amor fomos .
 O senio de teu genio isento , e livre
 Eca o bello attractivo deste affecto .
 Huma noite (talvez que te não lembres)
 Chegaste ao serraõ da nossa Aldêa ,
 E de modo te ouvestes tão singelo ,
 Que os affectos roubarão das Pastorais ,
 Mas

Mas quando d'esse as costas á fogueira,
 Travou-se huma contenda mui renhida
 A respeito das prendas, que te adornaõ,
 E de Filvio Pastor d'além do Rio;
 Apostaraõ em fim, veio d'Domingo,
 Houve arraial, juntaraõ-se os mancebos;
 Travaraõ-se festins, entrastes nelles,
 E entre todos levaste a primazia;
 Taõ contente fiquei, meu bom Léreno;
 Que mal posso expréssar toa verdade,
 E ou fosse amor ardente, ou simpatia;
 Quando as mais cortejavas, no meu peito
 O ciúme cruel fazia estrago,
 Porém esta paixão, que me abrasava,
 Cobria da modestia o véo dobrado,
 Naõ tinha occasioens, e hum Pai zeloso
 Refreava meus candidos desejos;
 Assim, Léreno amado, fica certo,
 Que te adoro, que sei fazer apreço
 Das bellas qualidades, que te cercaõ;
 E em fia, que serei tua a todo o custo;
 Adverte porém, que se algum dia
 Deste amor o segredo descobrises,

Que-

Quebraraõ-se as prizoës, rompeu-se a veda;
 Retirar-me he forçoso, adeos, Lerenõ,
 Pois talvez no casal já fassa falta;
 A' manhã, quando o Sol for apontando;
 Lá na fonte m'espera, mas se Altéa
 Vier também na minha compaphia,
 Hum pequeno sinal naõ dês d'amante,
 Vê que Altéa vigia nas Pastoras,
 E tudo quanto vê, aos Pais acusa. »
 Quiz partir a Pastora delicada,
 Porém eu stalhei seus leves passos,
 Pegando-lhe na maõ, e assim lhe disse :
 « Lindo Amor, caro bem, amavel Nize,
 Mais prézo esta ventura, que prezará
 A posse de mil mundos, se os tivera;
 Tu me fazes feliz, do teu semblante
 Pende a minha alegria, os meus prazeres
 Nos teus olhos travessos 'staõ fixados;
 Ah! sim, formosa Nize, esta verdade
 He mais pura, que a luz, mais innocent,
 Do que as lindas pombinhas çõ de neve;
 Naõ he mais grata ao lasso caminhante
 Pela hora da festa a clara fonte;

Do

Do que a mim tua face pudibunda. „ .
 Nestas doces finezas me occupava ,
 Quando lá sobre o cume da montanha
 Soôu d'hum Pegureiro a sanfonina ,
 Mas antes que assomasse , pela encontra
 Caminhou para Aldêa acompanhada
 Da tyranna pensão dos amadores .
 Com a sua promessa , meu Agrario ;
 Taõ contente fiquei , taõ satisfeito ;
 Qual fica na estação do Estio adusto .
 O faminto rebanho das ovelhas ,
 Encontrando no vale herva mimosa .
 Mas como o tempo as horas leva á rôjo ;
 Fugio o claro Sol , e a noite feia
 Assomou lá na Esphera , desdobrando
 Sobre a terra feliz o manto escuro ;
 Grasnaraõ pardos mochos , triste annuncio
 Da minha historia barbara , e terrivel :
 Já neste tempo o gado conduzia
 Para o pobre curral mui satisfeito ;
 Que esta cega paixaõ , d'Amor chamada ,
 Tapa a luz da razão aos mais espertos ,
 Recolhi-me , ciei , deitei-me , e o somno

Pouzando sobre os meus cançados olhos,
 A poder de trabalho foi vencendo ;
 Porém ah ! justos Ceos ! caso horroroso !
 Em fim , Agrario meu , não tenho forças
 Para passar daqui ; aqui fiquemos
 Se não queres , que morra ás mãos da pena

A G R A R I O.

Meu amavel Lereno , eu sou já velho ,
 Mas sempre fui singelo , a experiencia
 Assim co'a velhice , he sabia , he douta
 Assim , meu bom Pastor , não tenhas pejo
 Refere as tuas magoas , nesta Aldêa
 Não ha caso nenhum , que se me occulte
 Sou amigo dos homens , meu conselho
 A muitos tem servido , ah ! não duvides

L E R E N O.

Sim , meu prezado Agrario , bem conheço
 O muito , que te devo , porém temo ,
 Que te chegue a faltar o sofrimento ,
 Mas como qu'ues houvir minha desgraça ,
 Principio a narrar-ta , attende , amigo .
 Peaco tempo haveria , que ao repouzo
 Pagava esta pensao , que a humanidade

Ne-

Negar-lhe nunca pôde, ou mais, ou menos,
 Quando em-dura visaõ, terrivel sonho
 Com feia catadura, afflito, e triste
 Nos encovados braços me apertava,
 Tremendo forcejei para expulsallo,
 Mas em vaõ forcejei, qu'elle afferrado;
 Qual a era na faya parecia;
 Depois chegando a mim os labios frios
 Bafejando-me a face, assim me disse:
 "Miseravel Pastor, em vaõ prosségues
 Nos amores de Nize, Nize bella
 "Naõ será para ti, que és desgraçado."
 Latgou-me o mõstro enorme, e as lõgas azas
 Tres vezes facudio, desfez-se em vento.
 De repente acordei, bem como aquelle,
 Que em dezerta campina solitario
 Vê enlutar o Ceo, zunir o vento,
 Rollarem os trovoens, e a luz vermelha
 Destroçar os carvalhos copulentos;
 Assim nesta figura hum pouco estive,
 Reflectindo no lance pavoroso,
 Potém como os amantes nada temêti,
 Abri do meu casal a porta estreita,

Olhei para as Estrellas, vi q' Aurora
 Já entrava a raiar, soltei o gado,
 Fui pelo valle abaixo caminhando,
 Até chegar á fonte crystalina:
 Já contente na relva branda, e fofa
 Sentada, m'esperava a linda Nize;
 E a penas eu chegava junto della,
 Rizonha fez sentar-me, e assim me disse:
 Meu candido Lereno, ah naõ duvides
 Dos extremos d'Amor, que te consagro;
 E quando algum remorso te ficára,
 Esta minha fineza o desfizera,
 Nestes termos, Pastor, vivo obrigada
 A fallar-te a verdade, attento escuta;
 Haverá vinte Soes, que o grande Jonio
 A meu Pai me pedio para Conforte,
 He Pastor oppulento, e de bom sangue,
 Porém a pezar disto, me aborrece:
 Meu desejo innocent, alma singella,
 Só préza os dons da simples Natureza;
 Assim, meu bom Lereno, se te agrada,
 Procuremos hum meio, meio honrado,
 De fallar a meu Pai, que repugnante

Acha-

Acharemos, porém eu te protesta,
 Abrandallo com pranto, e com suspiros;
 Tudo custa ao principio, mas o tempo
 Gasta as iras crueis, os odios piza,
 O rio bate os concavos pinhascos
 Para o passo alargar, mas encontrando
 Soberba resistencia, os passos torce;
 Porém s'elle teimar, dentro em meu peito,
 De ferro hum coraçao ha de achar sempre;
 Os laços d'Hymeneo duraõ co'a vida,
 O estado ha de ser livre, assim o manda
 A suprema razaõ, muitas desordens
 Temos visto n'Aldêa por violencias;
 E adeos, Lerenó meu, em paz te fica,
 Que já lá vem rompendo o Sol dourado,
 E os Pastores á molle verde relva
 Os rebanhos conduzem, se me virem
 Comtigo na campina solitaria,
 Mil juizos faráõ, será patente
 Noso intrinseco amor, nossa amizade;
 A' manhã pela sésta aqui m'espera;
 Trataremos o modo de vencermos
 Qualquer dificuldade, que se oppónha;

Re-

Renoçou os protestos de constante ;
 Tomou o justo Ceo por testemunha ;
 Mas ah! meu bom Agrario, ah! fado iniquo,
 Ah! mudança cruel . . . tudo he falivel.

AGRARIO.

Innocente Pastor, Pastor singélo,
 E pensaste talvez que subsistencia
 Em peito femenil achar podias ?

LERENO.

Naõ profigas, Amigo; Ceos piedosos,
 Ingrata a miaka Nize ! Naõ, Agrario,
 Illesa a fé guardou, naõ foi traidora;
 Mas attende á cathastrofe funesta
 Da minha deploravel desventura:
 A' hora, que o meu Bem tinha marcado,
 Fui ao sitio feliz, mas naõ áchando,
 Dalli me retirei confuso, e triste;
 No seguinte tornei, fui no terceiro,
 Porém debalde fui, sou desgraçado. . .

AGRARIO.

Continúa, Pastor, conta os teus males,
 Naõ comprimas a dôr, que as forças dobrar,
 Se naõ se communica a hum bom amigo.

LE-

L E R E N O.

Poucas horas depois, que a minha amada
 Dos meus olhos se tinha separado,
 Hum terrivel contagio pestilente
 Lhe acometteo os membros delicados;
 Cresceo em poucas horas a molestia,
 E a desabrida Parca... Ceos piedosos!
 Cortou em flor seus dias innocentes;
 Apênas a fatal noticia tive,
 Por não manchar o credito estimavel
 Do meu constante amor, da minha Nize;
 Não tirei a mim mesmo a propria vida;
 Hui desgosto mortal, dentro em meu peito
 Combatendo minha alma atribulada,
 Do fizo me privou, bem como louco
 Vago atraç das ovelhas, que apascento;
 Oh! provérao os Deoses, que huma fera
 Me usurpasse este alento, que respiro,
 Ou que as duras montanhas escarpadas
 Sobre mim os rochedos sacudissem.

A G R A R I O.

Pois morreo do Pastor Anfrizo a filha!
 Morte, morte cruel! que feio insulto!

Ca-

Caro amigo Lereno, quanto sinto
 A triste novidade, ha cinco soes
 Que da Aldêa sahi, ficava bella,
 E agora jaz na triste sepultura !
 Sim, amavel Pastor, teu sentimento
 He justo na verdade, mas tu deves
 Medir pela razaõ a dôr severa;
 Quem se entrega de todo ao sentimento
 Discorre com desordem, tuas mágoas
 Naõ a trazem de novo á luz do mundo.

L E R E N O.

Tudo creio, Pastor, tudo confesso,
 Porém, a pezar disto, eu sou constante;
 Hei de amar o meu bem na sepultura.

A G R A R I O.

Mas, amigo, se louco presistires
 Na desordem fatal, em que laboras,
 Arriscas facilmente as gratas cinzas
 Do teu amavel bem á vil calumnia.

L E R E N O.

Ah! naõ, Agrario meu, antes morrer
 De intrinsecas paixõens, dê mil remorsos;
 Vamos, vamos A'ldeia, naõ criminem

A

A causa desta dôr, que me consterna ;
Mas juro aos altos Ceos, aos Deoses juro ;
Os votos naô quebrar d'amante firme.



SO-

SONETO.

A Qui tendes, mortaes hum desengano
 Da paixaõ, que atropella a humanidade,
 Pois da morte a ferrenha atrocidade
 Nem perdoa no Throno ao Soberano.

Derruba, tala o seu furor insano
 Da vasta redondeza a immensidade,
 Tendo por base a falsa Divindade
 As lagrimas, a dôr, o estrago, o damno.

Amai, homens, a candida virtude,
 Seus Templos ferquentai, cheios de gloria,
 Onde naõ tem poder o monstro rude.

Deixai pois aos vindouros larga historia,
 Que essa fera cruel, que o mundo illude,
 Naõ tem poder nos livros da memoria.

Po-



E C L O G A.

L E R E N O , E M E L I B E O .

Escrevi, não por fama, nem por glória,
De qu'outros versos saõ merecedores,
Mas por mostrar o mal de meus amores
A quem nelles de mim teve victoria.

Bernard. Son. 2.

HUm dia o mais sereno, e socegado;
No meio da gostosa Primavera,
Pois o campo de flores matizado
Já dava a conhecer o tempo que era;
N'hum sitio ao claro Tejo bem chegado,
Onde o ardente Sol mais reverbera,
Se avistavaõ de seccas espadanas
Dos singelos Pastores as choupanhas.

Mais ao longe se via hum alto monte
De copados Zambujas guarnecido,
Pela encosta do qual corre huma fonte
Mui abundante de crystal luzido,
Ao pé da qual chegando, está defronte
Hum estreito caminho assás seguido,
Que atravessando o valle deleitoso
Vai ter á porta d'hum casal pompo

Habita nelle rico , e abastado ;
 Sem temer já do mundo seus enganos ;
 O Pastor Melibeo , Pastor honrado ,
 A quem sciente fez o pezo de annos :
 He seu conselho em tudo venerado ,
 Porque serve de exéplo aos mais humanos ;
 Tanto em virtude bella , alta , e subida ,
 Como no modo de reger a vida.

Huma tarde , em que o Sol já declinava ,
 Querendo sepultar-se no Oceâno ,
 O bom velho Pastor á porta estava ,
 Aguardando por seu amigo Albano :
 Mas vendo que elle tanto lhe tardava ,
 Por naõ soffrer d'ausencia o mal tyranno ,
 A procurallo vai na sua Herdade ,
 Que tanto pôde a força d'amizade.

Vai a sahir , porém o embaraça
 Huma voz , aos ouvidos lastimosa ,
 Que lamentando está sua desgraça ,
 Queixando-se da soite rigorosa :
 Fica suspenso , sem saber que faça ;
 Té que movido da paixaõ forçosa ,
 Com veloz movimento se encaminha ,
 Para a parte onde o éco triste vinha.

E chegando já perto vê sentado
 A' sombra d'alto Freixo corporento,
 Hum Pastor com semblante magoado,
 Lagrimas derramando cento a cento.
 Mas vendo Melibeo fica pasmado,
 Sem poder disfarçar o sentimento
 E com modo cortez quer retirar-se,
 Para que a sua pena mais disfarce.

Suspende-te, Pastor, (lhe diz o velho)
 Não me queiras deixar confuso, e triste,
 Olha que ás vezes hum sagaz conselho,
 Faz retirar a mágoa que presiste:
 Hús dos outros nós somos proprio espelho;
 Não julgues que o mal só em ti existe,
 Pois se agora te vês em triste estado,
 Ainda outro haverá mais desgraçado.

Naõ te entregues de todo á paixaõ cega,
 Lança fóra de ti essa tristeza,
 E que tenhas motivo naõ se nega,
 Pois de sensivel tens a natureza:
 Comigo vem, Pastor, sim: e focega;
 Passarás tua vida com largueza,
 Naõ receis já agora o tempo avaro,
 Quando prompto me tens em teu amparo.

Tudo quanto me dizes agradeço ,
 (Lhe responde o Pastor com voz cançada)
 Pois teu sincero animo conheço ;

Porém trago minha alma acostumada
 A' mais negra , e cruel melancolia ,
 Em contemplar na vida já passada.

Do meu rosto perdi toda alegria ;
 E do que fui estou tão demudado ;
 Quanto difere o ser da noite ao dia.

E pois que assim me vês em triste estados ,
 Não me embaraces , deixa-me ir seguindo
 O caminho , que ordena o duro fado ,
 Deixa-me as minhas penas ir sentindo.

Sim , Pastor , mas primeiro hás de escutar ,
 (Diz o velho) que fallo com lizuta ,
 Que pôde ser te possa aproveitar ,
 E mude tua sorte de figura.
 He certo , que não pôdes duvidar
 Do mundo a duração pouco segura ;
 Porque se hoje nos mostra alegre o rosto ,
 A' manhã já nos dá grande desgosto.

Vi ,

Olha, repara bem, vê como o Tejo
 Agora está sereno, e socegado;
 Pois quantas vezes eu daqui o vejo,
 Até ás proprias nuvens levantado?
 Que tu te precipites não desejo,
 Não te queiras fazer mais desgraçado;
 Torna ati, e repara que ninguem,
 Pode ter por seguro mal, nem bem.

Assim, dissipá já este desgosto,
 Que andar te faz afflito, e descontente;
 Alegria se veja no teu rosto,
 Se até'gora a tristeza foi patente:
 De que venhas comigo tenho gosto,
 Serei para servir-te diligente.
 Em mim não acharás sómente amigo,
 Mas sim, como de Pai, o proprio abrigo.

Fizeraõ tal aballò no meu peito
 (Diz Lereno) essas tuas rogativas,
 Que me obrigaõ seguir o teu peralte;

Só com tuas palavras me captivas,
 E assim faz-se forçoso acompanhar-te,
 Por devertir as mágoas tão activas.

Quero tambem meu mal communicarte ;
 E saberás a triste desventura ,
 Que tenho padecido em toda a parte.

E pois já se avesinhà a sombra escura ;
 He justo , se te apraz , vamos andando ,
 Em quanto alguma claridade dura.

Já o gado aos curraes vai caminhando ;
 Os Roupeiros as portas yaõ abrindo ,
 Cuidados , que me estaõ sempre lembrado ,
 Vamos pouco a pouco divertindo.

E em quanto os mais Pastores vaõ o gado
 Metendo pouco a pouco nos curraes ,
 Te enformarei do meu terrivel fado ,
 Das minhas desventuras sem iguaes.

Tambem quero meu nome declarar-te ;
 Eu Lerenho me chamo , a Patria minha
 Fica do claro Tejo á outra parte.

Foi a sorte comigo taõ mesquinha ,
 Que logo me privou na tenra idade
 Daquelle abrigo , que nos Pais eu tinha.

Em

Em fim , a dura Parca sem piedade
As vidas lhes tirou , sem attender
A quanto fica exposta a mocidade.

Aqui começo agora a padecer ;
O'raõ desamparado , e sem abrigo ;
Até que mais idade vim a ter.

Entaõ sem considerar nenhum perigo ;
Ao amor me entreguei , sem ter lembrança ;
Que he no mundo o mais perfido inimigo.

Ah ! desgraçado aquelle , que se cança
Em finezas fazer , mostrar paixaõ ,
Para sentir depois huma mudança.

Affim Marina ingrata sem razaõ ;
Protestando-me tanta lealdade ,
Me deixou por Fransino (oh ! vil traiçaõ !)

Seguiu-se logo a esta falsidade
O morrer-me o melhor do meu rebanho ;
Que delle naõ ficou nem ametade.

Nesse dia varia sorte lance estranho,
Sem ter gado, laboura, nem cabana;
Naõ, quiz patentear hum mal tananho.

Quiz buscar outra terra mais humana
E sem lembrança tao do que fazia,
A sorte nou seguindo deshumana.

Porém como a fortuna me fugia;
De nada me valeo mudar de terra,
Que o desabrido fado me seguia.

De gado fui Pastor lá n'uma serra;
Na qual julguei tivesse subsistencia;
Porém torna-me a sorte a fazer guerra.

Vt, Pastor, se esta misera indigencia
Naõ bastava a tirar-me a triste vida,
Faltandome do Ceu a sã clemencia!

Ora attenda (pois inda ha mais ovescida)
Que me falta contar o que passei
Com huma ingrata, que me foi fingida.

Como digo, por terras mil andei,
Até que fui parar a hum povoado,
Aonde por Pastor me assoldadei.

Era, quem eu servia, hui velho honrado;
Dós mais ricos daquella vizinhança,
E por isso de muitos estimado.

Tinha húa filha (oh! cruel lembrança!)
astora em tudo bella, e engraçada,
Assim seubesse ter perseverança.

Mostrou-se em meu favor apaixonada;
Eu lhe rendi o meu amante peito,
Mas naõ me pareceo taõ disfargada.

Venerava por lei o seu perceito,
Naõ podia huma hora estar sem vêlla;
Pensão de quem A'mor vive fugido.

Empehei-me, o q' pude, em merecella;
De sorte que entre todos os Pastores
Se murmurava já de mim, e della.

Publicáraõ-se em fim nossos amores ;
 Tambem o soube o Pai, pois lho disseraõ ;
 Que sépre em toda a parte houve traidores.

De meus amantes olhos a esconderão
 Aonde nunca mais a pude ver ,
 E os meus finos excessos se perderão.

Quando , passado tempo , ouvi dizer ,
 Que estava com Fileno desposada :
 Aqui cheguei a pontos de morrer.

Ah ! Pastora cruel ! ah ! demudada !
 (Dizia eu afflito , suspirando)
 Que fizeste , cruel , á fé jurada ?

Porque me andaste , barbara , enganando
 Se me havias faltar tão de repente ?
 He este o premio de te estar amando ?

Mas ah ! castigue o Ceo teu crime ingênuo
 Já que foste tão falsa , e tão perjura
 Em fazer o teu crime assim patente.

Adeos pois, inhumana creatura,
Fica-te em paz, e vive socegada,
Qu' eu vou seguindo a minha desventura.

Logo a Aldêa deixei, segui a estrada,
Pelo montes andei triste vagando,
Sem ter socorro esta alma atribulada.

Até que, largos dias caminhando,
Por força do destino vim parar
onde tu me viste estar queixando.

Acabei minha historia de contar:
gora podes della colligir,
e razão eu terei de me queixar.

Tenho ouvido, Pastor, a tua historia,
(Diz Melibeo) e a sinto na verdade:
Digna he de que fique na memoria,
Para lembrança da futura idade.

Mas olha que esta vida he transitoria,
E que ha no mundo pouca lealdade;
Pois os que hoje se mostrão muito amigos,
A' manhã já os vemos inimigos.

E por esta razaõ deves lembrar-te
 Quanto tens nessa idade padecido ,
 Para de hoje em diante pôr de parte
 A causa porque tanto tens soffrido.
 Naõ queiras do passado recordar-te ;
 Deixa as memorias d'hum Amor fingido
 Pois basta , para delle teres medo ,
 Vêr a paga que dá , ou tarde , ou cedo.

E nestes termos pois , Lereno amado
 (Para que vejas quanto te venéro)
 Serás o Maioral de todo o gado ,
 Porque delle o governo dar-te quero.
 Eu passarei a vida socegado ,
 Meus dias acabar comtigo espero ,
 E chegando o momento derradeiro
 Serás de quanto tenho unico herdeiro.

E para mais perderes da lembrança
 As falsidades da Pastora impía ,
 Se queres castigar sua mudança ,
 Eu te dou a formosa , a loura Armía.
 De que ella queira tenho segurança ,
 Pois o Pai meus conselhos avalia ;
 O qual vendo te quero proteger ,
 Tudo , quanto eu quizer , ha de querer.

Devo em tudo seguir quanto ordenares,
(Diz Lerenó) mas naõ me digas mais,
Que á lembrança me tornaõ meus pezares;

Tenho cançado o Ceo com ternos ais,
Mudar o meu estado naõ intento,
Basta já de sentir golpes mortaes.

Nem he justo quebrar o juramento ;
Que fiz de nunca mais amores ter,
Depois que exprimentei hum fingimento.

Cheguei a precipicios de morrer :
Mas, como agora estou já socegado,
Naõ quero por meu gosto padecer.

E assim, hoje attendendo ao meu estado,
Deixa-me disfrutar com segurança
O resto dos meus dias com teu gado,
Que a roda da fortuna tambem çança.

Pois como (diz o velho) tu naõ queres
Nesta parte seguir o que te digo ;
Porque conheces o que saõ mulheres,
E recéas de novo algum perigo ;

Fa-

Faze, prezado amigo, o que quizeres;
Que eu a tua vontade em tudo sigo;
Para que vejas, que na tenra idade
Encontraste hum exemplo d'amizade.



I D Y L I O.

Sentado ao pé da rustica choupana,
 Onde os dias conforme suspirando
 Lerenho , entregue á dor féra , e tyranna ;
 Sobre o peito faudosfo as maõs cruzando ,
 Lançava os olhos pelo prado hervoso ,
 Estas queixas mortaes aos ventos dando ;
 « Cruel Marfiza , peito rigoroso ,
 Que sem piedade de meus écos tristes ,
 Triunfas com aspecto desdenhoso :
 He possivel , oh falha ! que persistes
 Immovele a meus tristes ais sentidos ?
 Que a meu constante amor dura resistes ?
 He possivel , que cerres os ouvidos
 A' fêa mágoa , que chorando expresso
 Nas garras dos ciûmes desabridos ?
 Mas ah ! Ninfâ gentil , eu bem conheço ,
 Pelas minhas humildes qualidades ,
 Que teus altos favores não mereço :

Mas

Mas vem ao menos vêr ás soledades ;
 Onde gemo por ti d'amor desfeito ;
 Estas , que soffro , turbidas saudades.
 Vem , que em meu aposento pobre, estreito
 Tenho para brindar-te , Ninf a amada ,
 Hum cestinho de canas mui perfeito :
 Aqui na verde selva amaranhada
 Colherei os medronhos mais mimosos ;
 Para os offerecer logo á chegada ;
 Subirei aos rochedos caverbosos ,
 A pezar do medonho percipicio ,
 Colher os louros favos saborosos ;
 E para mais te dar d'amor indicio ,
 Perseguirei no bosque as lindas aves ,
 Que saõ d'humildes puro sacrificio ;
 Nos remanços do Rio mais suaves
 Verei se prendo nos anzoes farpados
 As gordas Trutas , os mimosos Sáves .
 Porei , Ninf a gentil , os meus cuidados
 Em servir-te no campo diligente ,
 Para vêr se mereço os teus agrados.
 Porém ah ! onde corro loucamente ?
 Se teus , cruel , hum genio taõ vaidoso ,
 Que

Que abandona as finezas mais sinceras,
 Filhas d'hum coraçāo affectuoso !
 Es mais infame, e perfida ; que as feras
 Habitadoras desse bosque umbroso ;
 Pois ouves-me gemer, e naō te alteras ;
 Quem te surprende os passos ? Por ventura
 Aborrecem-te, ó Ninfā delicada ,
 Os fingelos amores da espessura ?
 Naō desprezes a fé agigantada ,
 Que se anima da tua formosura ,
 E vive dos teus olhos namorada.
 Ditás, que sou hum misero vaqueiro ,
 Criado na montanha pedragosa ,
 De feigoens torpes , no vestir groceiro :
 Mas ah ! Ninfā gentil , és rigorosa ;
 Pois desprezas hum peito verdadeiro ;
 Fundada na politica orgulhosa.
 Commovaõ-te , meu bem , as fēas mágoas ,
 Os clamores mortaes , que afflito exhalo
 No seio de crueis , ardentes fragoas ;
 Porém se ainda assim te naō abalo ,
 Corraõ dos olhos tristes , tristes aguas
 Em quanto a flebil voz repremo , e calo.

Tem-

Tempo virá, ó Ninfá desabrida ;
 Que os remorsos fataes da minha morte
 Atormentem tu'alma ensurdecida :
 Entaõ, nos braços da tristeza forte,
 Gemerás na campina, condoída
 Da minha infausta, lamentavel sorte.
 Mas assim mesmo tenue sombra escura
 (Se Jove isto concede á humanidade)
 Teus passos seguirei pela escuridura.
 Ah ! naõ duvides ; naõ , desta verdade ;
 Pois levarei comigo á campa dura
 De meu ardente amor a lealdade. , ,
 Assim fallava o misero affligido ;
 Até que lhe usurpou hum sonno brando
 C'o as lassas maõs o uso do sentido.

IDYLO.

JA' torna o frio, macilento Inverno
 A sacudir as azas turbulentas
 Sobre as verdes, hervosas serranias:
 Já rouce sôa nas torcidas margens
O turvo rio, que até 'gora debil
 Mal podia arrojar-se pela areia.
 Já nas selvas as Dryadas mimosas
 Não celebraõ com doces cantilena
 Da linda Aurora o claro nascimento;
 E o Lavrador, deixando o curvo arado,
Eoge confuso do rigor dos ventos,
 Que, bramando com furia triplicada,
 Levaõ diante dos gelados sôpros
 Os robustos Carvalhos das montanhas.
 Silvio, querido Silvio, deixa os montes
 Onde a rija faraiva dardejando,
 Despoja as tenras flores da candura,
 Que lhes deixa pomposa Natureza.

Olha

D'hum coraçāo cercado d'experiencias ;
Quebra os torcidos laços, que t'opprimem
Os infelices, arrôxados pullos :
Naô faças os teus dias desgraçados.
Foge , Silvio, dos lúbricos desertos ,
Vem alegrar os candidos amigos ,
Que suspiraõ por ti de noite , e dia.



IDY

ID Y L I O.

JÁ tinha a fria noite sobre a terra
O manto desdobrado, e os pardos Môchos
Elos hombros das penhas cavernosas
Trasnavaõ com pavor do valle inteiro;
Zunia o rijo vento na floresta,
Os lúbricos regatos serpentando,
As plantas alagavaõ da espessura;
Naõ se via hum Pastor pela montanha;
Porque o temor da negra tempestade
A todos conduzio para as cabanas;
Só o triste Lerêno, solitario,
Debaixo d' huma lapa humida, e fria;
Estas queixas soltava aos turvos ares:
Inconstante Marfiza, que motivo
Tens para despresar a singeleza,
Com que sei adorar teu peito rude?
He possivel, oh Ceo! q os meus clamores,
Capazes d'abrandar Leoens Hyrcanos,

M

Naõ

Não commoviaõ tu' alma' empedernida?
 Ah! cruel, por ventura amar teu rosto
 He crime, que mereça castigado,
 Com a pena severa de não vêr-te?
 Que mal te fez, tyranna, hú puro affecto,
 Hum coração constante, hú peito grato
 Para ser desta sorte mal tratado?
 Acalo esse Pastor, por quem t'infiamas,
 He mais agil do que eu no pobre amanhô
 Mais forte lutador, ou na carreira
 Vencido m' deixas á tua vista?
 Porque motivo, dize, em te buscando
 Com singelas, e brandas rogarivas,
 Atalhas, dando as costas mudamente,
 Os puros sentimentos, que te expresso?
 Não te enternece o vêr-me vagabundo
 De caverna em caverna lagrimando,
 Cheio de confusões, de mágoas cheio?
 Não te faz compaixão vêr o meu gado
 Balando pelos montes ao desgarre,
 As vides por podar, a choça em terra?
 Que te custa, cruel, volver piedosa
 A mim os lindos olhos bullidores,

Tor-

Tornar-me d'infeliz dito so hum dia?
Porém q imploro, oh Ceo! teu peito ingrato
Naõ conhece os effeitos da brandura:
Fazes mofa das mágoas, que rodeão
Aquelle, que te entrega enternecido
Nas impias maõs a doce liberdade?
Alegras-te, cruel, se vivo triste,
As lagrimas, que verti confundido,
Saõ para ti objectos de recreio?
Ah! taõ vil coraçao, que tens no peito;
Ou foi d'algum rochedo fabricado,
Ou aborto fatal da natureza.

Porém cumpre, Marfiza, as leis do genio,
Que a pezar do rigor, que te domina,
Naõ desmaia a paixao, em que me abrazo.
Quantos ais arrancar do centro afflito
Disigidos irão, cruzando os ares,
Espirar a teus pés por gloria minha.
Mas se disto te offendes, lindo bem,
Se a minha singeleza te amofina,
Refriarei no peito a dôr intensa,
Companheira fiel dos meus cuidados;
Nos extensos desertos penhascosos

Irei gastando a vida solitario ;
 Entregue á negra fúria dos meus zélos.
 Taõ pobre viverei , que o mato agreste
 Me sirva de sustento aos membros lassos.
 Fique a minha courella ao desamparo :
 Em lugar de centeio , inuteis cardos
 A secca terra bróte , e os Bois tardíos
 Acabem no curral de pura fome.
 Mas ah ! Ninfá gentil , terás engranhás
 De consentir , que a Parca macilenta
 Me separe do peito a doce vida ,
 Que longa desejo para amar-te ?
 Verei , oh Geo ! tocar teu alvo rosto
 Com torpes mãos , e feia catadura ,
 O Pastor mais inerte da montanha ?
 Hum Pastor , que não sabe em doce Lyra
 Cantar os delicados , puros Versos ,
 Que o Semícapro Deos prezava tanto ? ..
 Mas aonde me eleva a dôr funesta !
 Ah ! loucura fatal , fatal delírio ,
 Que me obriga a narrar as minhas mágoas
 Aos mudos bosques , aos penhascos brôcos
 Desta sorte o Pastor hia expressando

Suas

DE THEOT. JOZE' XAV. DA CUNH. 181

Suas queixas mortaes aos soltos ventos,
Até que da fadiga já cansado,
Torna a buscar o abrigo do colmado.

OLIN-

Digitized by Google



O L I N D O.

E P I S T O L A.

O Lindo amado, q̄ nas margens verdes,
 Por onde passa o Vouga murmurando,
 Féres a branda Lyra socegado;
 Ah! põem de parte o instrumento d'ouro,
 Attende ás tristes mágoas d'hum Serrano,
 Que já nas glorias foi teu companheiro.
 Depois, querido amigo, que o destino
 Me separou da tua companhia,
 Já naõ repito aquelles brandos Versos,
 Que fôraõ sempre inveja dos Pastores:
 Vago., como sem tino, pelos bosques,
 Durmo pelas montanhas, naõ procuro
 Aquelle doce abrigo da palhoça,
 Que aos mais repara o frio congelado:
 Ja naõ cuido nas miseras ovelhas;
 Dispersas, vagaõ pela occulta serra,
 Expostas ao furor dos lobos fêros:

Fu-

Fujo da sociedade preciosa ,
Para vivêr nas grutas mais profundas t
A terrivel imagem do desgosto ,
Batendo as longas , denegridas azas ,
Desdobra sobre o meu cançado esp'rito
Do epicundrio humor o véo sombrio.
Ah ! venturosos , venturosos dias !
Esse dias , que o tempo desabrido ,
Arrojando , levou com maõ traidora ,
Quando á sombra dos álamos copados
Alternamos taes Versos , que as correntes
Suspeditas ficavaõ para ouvir-nos !
Alli nas altas pênhas entalhámos
Aquellos doces , adoraveis nomes
Das Pastoras gentis , a quem rendidos
Tributamos sinceras vasalagens.
Mas ah ! Olindo meu , que esta lembrança
Faz no meu coraçao maior estrago ,
Que o Abûtre voraz no infeliz Ticio ,
O desterro cruel , em que me vejo ,
He o duro motivo , a causa urgente
Destas atrozes penas , que sopporto.
Tu , amigo fiel , que naõ recéas

As

As mudanças crueis do tempo avaro ;
Disfructa a sociedade das Pastoras ,
Goza dos bons amigos a docura ;
Que eu nesta segrania alcantilada
Lutarei com as minhas desventuras ;
Em quanto a maõ da sorte naõ quebrar
A cadea fatal , que me sustem.



DE-



DESENGANOS A NIZE.

E P I S T O L A.

NAÓ teimes, Nize, naó : porque o meu (peito
Ha de sempre vivér d'Amor isento :
A cultura das tertas , o rebanho ,
Meu tráfego serraõ de hoje em diante :
Tranquillo viverei na minha Aldéa ;
Tenha Amor quē quizer , renda-lhe cultos ;
Queime-lhe incensos nas cruentas aras ,
Dobre em terra o joelho , e reverente
Lhe submeta a cerviz ao jugo insâo ;
Que eu delle nada invejo , nada quero.
Largos annos servi , bem como escravo ,
Este senhor tyranno , este perjuro ,
Sem ter hum breve instante de socego ;
Mas em prémio do meu desvelo ardente
Só tirei mágoas , só tirei desterros :
E dos serviços meus em recompensa ,
A Pastora cruel , a quem amava ,

D^o

Da minha desventura rio mil vezes.
 Bem sei, Nize gentil, naõ és culpada
 Nas traiçoens, que outro peito cõmettep;
 Mas em quanto durar na mente impressa
 Esta lembrança, que já mais se apaga,
 Com todas as potencias da minha alma
 Protesto resistir ao falso Nimen.
 Andarei para isto prevenido,
 Que he o meio melhot de viver livre
 Do pezado grilhaõ, da ervada serra;
 E se o meu desengano te affagella,
 Bella Nize, perdoa... mas naõ posso
 Meu peito sujeitar ás leis d'Amor.

SA-

S A T Y R A.

*Quicumque amisit dignitatem pristinam,
Ignavis etiam jocus est in casu gravi.*

Fed. L. I. Fab. XXI.

Caro, Illustre Vieira*, se o Destino;
Que me obriga a vivêr neste deserto;
Quebrasse o vil grilhão, tempo dito;
Fôra gozar na tua companhia.
Entaõ, entaõ alegre, e satisfeito,
As vélas deferindo á vaga idéa,
Te fizera hum desênho verdadeiro
Da tyranna saudade, que me opprime:
Porém naõ quer a minha desventura
Conceder-me esta gloria, sou forçado
A sopportar o pezo d'hum capricho.
Conheço muito bem, que os homens todos
Forão do mesmo lôdo fabricados;

Mas

* O Illustrissimo Senhor Antonio Vieira de Mello Tovar e Noronha.

Mas a fêa Malicia , e o negro Engano
Reducio a diversas Jerarchias

A pobre humanidade , e o leve acaſo
Huns conduzio ao Sólio Mageſtoſo ,
Outros lançou no baixo cadasſo.

Curvado sobre os livros muitas vezes
Eu vejo , eu vejo , oh Ceos ! que variedade !

Este em terriveis vícios atolado ,

O Direito das gentes maculando
Na fôrdida ambiçaō , que tem por base ;
Eſtrivar os interesses vergonhosos ;
Ouve gemer a misera orfandade ,
E os tristes , flebeis ais , que sólta aos ares ;
Naõ lhe fazem nas rígidas entranhas
Hum pequeno ſignal de ſentimento.

Aquelle nas venæs genealogias

O doce tempo gaſta , eſquadrinhando
As razoens , que ainda tem de parentesco
C'os Marquezes de tal , que já morreraõ.

Outro em curvo lenho d'alta entena
As ſuſurrantes vélas dando ao vento ,

Vai demandar os longos , vastos climas ,

— Onde naõ s'atreveo paſſar Trajano : —

As

As negras tempestades , ríjas syrtes
 Não lhe gélaõ o peito , em que rezide
 A gloria da grandeza , ou do capricho.
 Oh ! mil vezes feliz aquella idade ,
 Que os miserios humanos satisfeitos ,
 Atraz dos mansos gados nas montanhas ,
 Habitavaõ co'a Paz serena , e pura !
 Os benéficos Deoses adoravaõ ,
 Sem que a trompa da guerra enfurecidã
 Intimasse os Decretos da vaidade.
 Não moviaõ questoës , naõ lhé importava
 Que o Sol immovel fosse , a terra andasse ;
 Nem dos fogos electricos a causa ,
 A materia , que os fórmã ; donde nasce
 A pedra , que do Pólo as Ursas frias
 Com intrinseco amor attenta busca ;
 Porque os Pretos a nós tanto differem ,
 Sendo filhos de Adaõ , como nós somos ,
 S'isto foi accidente , ou se a Natura ,
 Suas leis invertendo , formou nelles
 Hum abôrto com pañmo dos humanos.
 Mas , deixando estes pontos idearios ,
 Que huma parte da vida me consomem ;

Al-

Allivio quero dar ás tuas queixas.

O Mundo, meu Viceira, está mudado;

Aquelle, que se mostra mais amigo,

Tem ás vezes no peito mais veneno.

Hoje nelle só reina o artificio:

A dependencia vil obriga o homem.

A violar os dictames da verdade.

O grande adora o grande por ser grande,

Mas s'elle decair, como acontece,

No tribunal iniquo da Malicia,

Nevas causas dará para perdêlo.

Naõ te afflijas nos árdidos trabalhos:

Lè no livro do Mundo, nelle aprende

A seguir a virtude, amar a Patria.

Qual rochedo no meio do Oceâno,

Seja teu coração contra as intrigas.

A desgraça cruel, que nos persegue,

Achando a nossa alma prevenida,

Desmaja nos combates, perde o campo.

Quem tivera mais cedo conhecido

Estas nuas verdades, que te aponto!

Assim, meu bom Amigo, rifica, rifica

Do pensamento a causa rigorosa,

Que

Que aribulla reas dias floreentes :
E , se queres vingar-te dessa praga ,
Afina os seus dictames , zomba delles ;
Negando-lhe attençao, dando-lhe as costas.
Emprega-te nas Letras fervoroſo :
Medita os bons ſystems de Cartezio ,
Qu'elles fazem feliz hum desditoso.





S A T Y R A .

Homo doctus in se semper divitias habet.

Fedr. L. 4. F. XXI.

Nas desordens do Mundo contemplá-
 (do ,
 A doce vida gasto , amado Filvio ;
 Que célebre variedade de successos
 No confuso Theatro se divisa ,
 Onde os pobres mortaes alegres gozaõ
 Hum'aura popular , que dura pouco !
 Este aspira ás grandezas : vaõs fantasmas ,
 Em torno da cançada fantazia ,
 Lhe inflâmaõ da soberba as leis austéras ;
 Pois como a varia sorte lhe concede
 Os lisonjeiros bens , que a terra cria ,
 Atropella os pequenos : naõ se lembra ,
 Que hum revez da fortuna ás vezes corta
 As máquinas , que os homens edificaõ .
 Para assombro dos seculos futuros ,
 A par da sediçaõ corre o malyado :

Ini-

Inimigo formal do bem communum,
Todos os vicios, as desordens todas
Abriga dentro n'alma depravada:
Só quando vê pular na terra dura
Das cruentas feridas sangue humano,
Alegre se lhe vê o rosto infame.
Em terrível masmorra afferrolhado
O triste desvalído afflito gime;
Envolto na penuria, e na miseria;
Dos magros pulsos os grilhóens pendentes;
A barba longa, o manto esfarrapado,
As dolorosas supplicas pungentes,
Naõ commovem o rígido Ministro:
Impávido decide a feia morte.
Este adora a virtude, aquelle o crime.
Ah! loucura fatal, tristes humanos!
Escravos das paixõens, paixõens funestas;
Abortadas do Averno pestilente,
Onde as torpes maldades as criáraõ
Aos carquilhosos peitos macerados;
Para horrivel flagello dos viventes!
Oh! quantas vezes a venal mentira;
Dourando as expressoẽs, faz vêr ao Mundo

Invertidas as Leis, que o condecoraõ?

Já naõ vive entre nós a singeleza
Das primeiras idades. Quantas vezes,
Filosofando neste chão d'enganos,
Invejo de Pastor o simples tracto!

Quem podéra affastar-se do tumulto,
Do receoso, e falso Povoado,
Entretendo os instantes saborosos,
Em ouvir na serena madrugada
Cantar o matizado passarinhõ,
Ao som da lisonjeira fonte pura;
A' noite recolher para a cabana,
Deitar no molle fêno focegadõ,
Sem lembrança das miserias grandezas;
Vestir das simples pelles dos cordeiros,
Naõ conhecer da moda o vaõ capricho,
Base dos vicios, que os humanos presab;
Tratar os homens com singélo sp'rito,
A pezar da politica, e reserva,
Filha das Côrtes, onde reina a intriga!
Quem o fundo das couças analyfa
Com sublime critério, assim discorre:
Mas ah! meu caro Filvio, em vaõ me canço,

Na

Na ordem das idéas, que fabrício :
Corre o tempo veloz, os dias vðað,
E as minhas desventuras, sempre firmes ;
O terrivel Edicto nað revogað.
Cercado de venaes aduladores,
Qual o triste Democles me contempro.
Fumegað sobre a meza regalada
Exquízitos manjates, de Falefno
Trasborda o bom nos fundos còpos ;
E a linda camá de plúmagem fôfa.
Ao supremo repouso me convida,
Sobre ella os fatigados membros lanço :
Mas quando a grata vista ao técto envio,
Por delgado cabello já pendente
Sobre mim o tremendo alfange vejo.
Ora pensa, meu Filvio, agora pensa
Em tanto desconcerto : vê quem pôde
Satisfeito vivêr entre o tumulto ?
As viboras lethaes, que a Inveja cinge
Em torno da cabeça encanecida,
Quando as inflámað, soltað das entranhas
Hum alito subtil, que se introduz
Nos baixos coraçoens, nas almas futeis :

Se o collo lhe sobmetto ao punho infame ;
 Criminao de fingida esta humildade.
 Se na raza campanha me declaro ,
 Rôta logo a vanguarda , d'improvisto
 Ao centro correm ; qual vôante setta ,
 Lacerao , anniquilao , tallao , pizaô ,
 Sem attender aos miserios clamores
 Da singela razaô , que afflcta brada ;
 O credito mais bello , a sâ verdade
 Ataçalhao sem dô , a vida exhalaô .
 Terrivel condiçao da humana gente !





CANTATA PESCATORIA.

Formosa Marfiza,
Inveja do Prado,
A cujo mandado
Amor obedece.

Alegre t'espero
Nas prayas ufanô,
De verde rosmano
Tecendo capellas.

Na lactea garganta
Te quero enlaçar
Hum lindo collar
De perolas finas.

O concavo buzio
Nos ares troando,
Irá quebrantando
A fúria dos ventos.

Ve-

Verás os Delfins
 Do fundo surgirem ,
 Suspensos ouvirem
 A rouca harmonia.

Depois ao sáveiro ,
 As vélas soltando ,
 Iremos cortando
 O pégo azulado.

Os Focas immundos ,
 Os Tritoenos marinos
 Teos olhos divinos
 Veraõ com espanto.

As alvas Nereidas ,
 As lapas deixando ,
 Iraõ mergulhando
 Em torno do barco.

De pedras fulgentes
 Mil fios traráõ ,
 E ros lançarão
 No fofo regaço.

Mas

Mas tu abandonas
O trato groceiro
D'hum pobre Barqueiro
Cortado dos ventos !

A meiga Dione
Das ondas nasceo ,
Amor procedeo
Do Reino das aguas.

A's vezes brincando
Nas vagas teimosas ,
As azas mimosas
Travesso mergulha.

Dirás , que sou pobre ,
Que não tenho choça ,
Aonde se possa
Fugir á tormenta.

Mas ah ! que t'enganas ,
Pois neste rochedo
Conservo em segredo
Morada feliz.

A mão da Natura
 Aqui fabricou
 A gruta, onde vou
 As noites passar.

O chão lhe tapeçado
 Mil plantas cheiroosas,
 De conchas vistosas
 O tecto se esmalta.

E quando adormece
 Nas prayas o mar,
 As linhas lançar
 Vou destes penhascos.

Nos curvos anzóes
 Apanho as Douradas,
 Lampréas pintadas,
 Tainhas mimosas.

Se a yasta maré
 Ao centro recolhe,
 No lodo se colhe
 Gostoso marisco.

Mas

Mas onde me eleva
A minha loucura,
Se não tem ventura
Quem ama sincero?

Talvez que nos braços
De Fauno travesso
Motéjes do excesso,
Com que te venero.



ALFIR

CANTATA.

OH! como nasce alegre o Sol dourado !
 Como cantaõ alegres, e cadentes
 As harmónicas aves pelos galhos
 Dos florídos, e verdes arvoredos !

Alfira formosa,
 Pastora gentil,
 Se queres gozar
 Aurora d' Abril,

Apressa, meu bem,
 Os passos mimosos,
 Verás a belleza
 Dos campos vistosos.

Aqui acharás
 Na grata 'spessura
 Perenne agazalho,
 Sincera candura.

Ve-

Verás, Pastora linda, os cordeirinhos
Tozarem pelo prado a fôfa relva,
Sem receio dos lobos carniceiros:
Ouvirás as sonoras cantillenas,
Que ao som das brandas flautas os Pastores
Alternaõ junto á fonte fresca, e pura.

Alegres te esperaõ
As verdes campinas,
Com ramalhetinhos
De varias boninas.

As Nayades bellas
Apanhaõ aos pares
Douradas conchinhas
Para tu brincares.

Ozella, na urna
Brilhante encostado,
Celebra, cantando,
Teu nome adorado.

Ah! naõ tardes, meu bem, Pastora amada;
Deixa o fero tumulto caviloſo, Fo-

Foge do povoado, corre ao bosque,
 Aonde reina a paz sincera, e doce;
 Quebra o grilhaõ pezado, que te opprime;
 Deixa a turba dos vís aduladores,
 Vem gozar a feliz tranquillidade,
 Nos carinhosos braços da ventura.

Contentes espalhaõ

Formosas Serranas
 Nevados jasmins,
 Longas espadanas.

Alfira naõ tardes,
 Naõ sejas perjura;
 E os cofres abertos
 Verás da ventura.

Naquelle rosal

Conservo dous ninhos;
 Ah! corre, se queres
 Lóuros passarinhos.

Impellidos dos álitos suaves
 Dos namoradores Zefiros ligeiros;

Ondeão pelos campos apraziveis
 Os proveitosos dous da loura Céres;
 Aqui as laranjeiras carregadas
 Dos amarellos, e cheirosos pomos,
 São da vista bellissimo attractivo.
 Em sim, Pastora amada, a Natureza
 Neste sitio mostrou desvaneçida
 Até onde chegavaõ seus poderes;
 Aqui se guarda illesa a lei sagrada
 Da candida innocencia; os santos votos
 Da fiel amizade illelos vivem;
 Os costumes saõ puros, e singélos;
 A gratidaõ amavel tem hum thrôno
 Em cada coraçâo, em cada peito:
 Ah! corre, vem, Pastora idolatrada,
 Vem fazer a minha alma venturosa,
 Pois sem a tua amavel companhia
 Nada pôde no Mundo recrear-me.

O NAUFRAGIO.

CANTATA.

DA tristonha caverha o Padre E'olo,
Solrou os ríjos, petulantes ventos;
O Pólo se enluçtou, e a frôxa Lua,
No denso véo das nuvens pluviosas,
Occultou aos mortaes o rosto amavel;

Opobre Palemo
Confuso navega,
E aos ares entrega
Truncados gemidos.

Freneticas vagas,
A proa avançando,
Lhe vaõ alagando
O fragil fáveiro.

Os longos remos força affadigado;
Porém debalde, que os tufoens soberbos;
Batendo-lhe nas vélas esfarpadas,

O

A

A verga lhe partio pelo meio ;
De novo o Pescador triste se esfórça ,
E o tormentoso Mar encapelado
Nas espaldas das ondas o levava
Tocar os Astros , donde os raios chovem .

Das fundas cavernas

Os monstros fugiaõ ,
Boiando se viaõ
A' tona das aguas .

Nas prayas dezertas

As Aves piavaõ ,
Ao longe arrulavaõ
Os roucos trovoens .

Hum só Barqueiro pelo Mar naõ via ;
A' discriçāo das vagas carrancudas ,
Sem governo do léme , e sem acôrdo ,
Cruzava os saltos balançosos férros ;
Dos encovados olhos lhe pendiaõ
Em borbotoens as lagrimas no rosto ;
Grijava , mas em vaõ , aos altos Numes ,
Que

Que a rígida procela lhe domassem.

Ó Deoses supernos

Das aguas Senhores ;

Quví os clamores

Do pobre Palemo.

“ Eu morro , dizia ,

• Nas ondas do Mar ;

Pois sinto coalhar

Misero sangue

Prometto-vos , ó Deoses Sacrosantos ;
 Se me livrais do tûrbido Naufragio ,
 Apenas ferre a praya appetecida ,
 Erigir-vos , no seio d' huma penha ,
 Devotas Aras de rosmano puro :
 Conheço a pequenhez da minha offerta ;
 Porém naõ tenho mais : os Deoses justos
 Acceitaõ coraçoens , e naõ grandezas , , ,

A

A rija tormenta,
A furia dobrando,
Lhe foi contrastando
As ávidas juntas.

Até que huma onda
Tres vezes o ergueo,
E o barco metteo
No languido seio.



OS

OS POMAREIROS.

CANTATA.

JA' se avista no candido Horizonte,
 Por entre as alvas, socegadas nuvens,
 A desgrenhada, e somnolenta Aurora,
 Co' as melindrosas maõs de neve pura
 Abrir a crystalina porta ao dia ;
 E o Colôno, tangendo os bois tardios
 Procurar na montanha o brando feno.

Auliro, se queres
 Crinaura brindar ;
 Tem fructa o Pomar
 De mil qualidades.

Eu subo : colhamos
 Os figos rachados ;
 E os pomos cercados
 De loura penûge.

Na cabana conservo douz cestinhos

De

De entretecida vêrga de mil côres,
Que Jonio me deo, Serrano habil:
Auliro, Auliro corre, vai buscallos,
Levaremos á Ninfá delicada
Este humil de penhôr, demonstrativo
Da nossa escravidão, do nosso affecto.

Pendentes estáo

Dois pâmpanos baixos,
Os rúbidos cachos
Ainda orvalhados.

Mimosas Romás,
Córadas Seréjas;
E quanto desejas
Aqui acharás.

Auliro, Auliro vai buscar os cestos;
Naõ te demores mais, ó Pomareiro;
Olha que o Sol os raios já dardeja,
E os lindos Rouxinóes ao dezafio,
Pelos ramos dos verdes Limoeiros,
Alteraõ brandamente os seus Amores.

Tudo quanto reaníma a Natureza ;
 Inspira nos mortaes contentamento.

Agora colhamos ;
 Nas relvas mimolas ;
 As Flôres cheirofas .
 Que o tempo agriculta.

Em torno dos Pomos
 As folhas lancemos ,
 Auliro , levemos
 A candida offerta.

Crinaura he Tutelar destas Aldeas ;
 Tem hum'alma sublime , naõ despreza
 As pequenas tençoens , que lhe consagra
 Nas aras do respeito a singeleza.
 Animo , Auliro , vamos confiados
 No grande coraçao da Ninfâ excelsa.

CAN.

C A N T A T A

D I T H Y R A M B I C A.

V Oêmos, Musa, ao crystalino assento,
Aonde habita o Nûmen da Poesia,
Que os dons infunde nos mortaes vaidosos,
Dignos d'emprezas, só por elle grandes.

O globo da terra,
Ó Musa, deixemos;
Alegres toquemos
O Reino de Phébo.

Naõ tragas á mente
Os vaõs precipicios,
Pois temos propicios
Os vastos agouros.

Mas ah ! tem maõ : primeiro dá-me a Lyra,
A Lyra, que me deo Marilia bella ;
E o Pai dos Vates ouvirá benigno
Meus ternos votos, bafejando as cordas,

Em

Em quanto a negra, descarnada Inveja
Frenética delira, as maõs mordendo.

Agora prepára
Os cōpos lustrosos,
C'os dōns preciosos,
Que o Douro produz.

Rizonhos bebamos
O quente Elixir,
Que faz confundir
As férvidas mágoas..

Oh! que bem que elle sabe, Santo Numen
Já nas vēas me calla hum fogo vivo :
Dos ares descem Cupidinhos gratos :
Travéssos Genios, brincadoras Graças,
Em torno destes Freixos corpolentos,
O nome de Marilia alegres cantaõ.
Mil caprípedes Faunos cabelludos,
Rompendo as Selvas co'as fendidas patas,
Nos valles fórmão festivaes Choréas.

Eu quero mais Bromio ;
Ó Musa , naõ tardes ,
Que tornas cobardes
As minhas idéas.

Ó Padre Lieo

De novo te invóco ,
Lá vai outro cópo
De rúbido mofo.

Porém que ha isto ? Fervem os conceitos
Sobre o quadro da mente vagabunda ,
Mil chuveiros de luzes á porfia
Avivaõ de Marilia os dotes bellos .
Hé tempo , ó Musa , eu pulso á Lyra ;
E tu , ó Ninfá de meus Versos digna ,
Inveja das mais Ninfas destes bosques ,
Attenta escuta , nos meus Hymnos gratos ,
Soár teu nome , tuas graças puras .
Tu és mais linda , do que a mesma Venus ,
Nos teus divinos olhos scintilantes
Habita o Deos , a quem adora Paphos .
A sábia , providente Natureza

No

No teu rosto formou de leite, e rosas
 A obra mais mimosa, e mais completa,
 Que na face da terra os mortaes víraõ.

Na boca mimosa,
 Thesouro das Graças,
 As vozes traspassas
 De pura meiguice.

E quando desprendes
 Hum leve sorriso,
 Com elle deviso
 O Mundo enleado.

Pelo mimoso collo de alabastro
 Desvanecidos, fêvidos desejos
 Ousados correm a tocar teu rosto,
 Que o rûbro pêjo vigilando guarda.
 Porém que he isto? Já do peito laxo
 Huma nuvem de fumo ao ar subindo,
 A cabeça me fere: eu já desmaio...
 A terra se desvia... os montes dançaõ...
 Eu cambaleio.. eu caio.. Ceos! que he isto?
 Musa, sustem-me o braço, Evoê, Marilia.

MO-

M O T E.

*Peguei nos: grilhoens d'Amor,
Quiz arrastallos, naõ pude.*

G L O Z A

*F*orçado por hum traidor,
Vil Ministro de Cupido,
Entrei no Templo de Góido,
Peguei nos grilhoens d'Amor.
Justo Ceo! com que pavôr
Carreguei o pezo rude!
Mas, sem faltar á virtude,
Inclinando á terra o rosto,
Obrigado, e naõ por gosto,
Quiz arrastallos, naõ pude.

MO-

M O T E.

*Se queres ver minha dôr,
Vê meu resto magoado.*

G L O Z A.

Toma, ingrata, hum pâssadôr,
E com a nevada maô
Rasga-me este coraçâo,
Se queres ver minha dôr :
Se te causar isto horrôr,
Vira o rosto para o lado;
Aponta o ferro amolado,
Naô temas ser homicida;
Mas antes que exhale a vida,
Vê meu resto magoado.

MO-

M O T E.

Eu chorando, e tu contente :

Tu feliz, eu desgraçado.

G L O Z A.

Essa desgraça potente,
Para me ser mais ferína,
Conserva-nos na campína,
Eu chorando, e tu contente :
Tu cantando alegremente
Vais atraç do pobre gado ;
Eu suspirando magoado
Ando sempre a toda a hora ;
Assim vivêmos, Pastora,
Tu feliz, eu desgraçado.

MO-

M O T E.

*Trago dentro no meu peito
A causa do meu tormento.*

G L O Z A.

VIvo, ó Marcia, taõ sujeito
A's prizoens do Deos vendado,
Que esse teu rosto estampado
Trago dentro em meu peito.
Co'mais profundo respeito
Amo taõ raro portento ;
Mas só tenho hum sentimento,
Lindo bem, que relatar-te,
Que he naõ poder expressar-te
A causa do meu tormento.

MO-

M. O T E.

*Premiar os teus desvêlos
Deve hum coraçao amante.*

G L O Z A

Para que he com falsos zêlos
Maltratar meu peito agora ?
Quando vês a toda a hora
Premiar os teus desvêlos ?
Se julgas naõ sei mer'cellos,
Fórmas hum projecto errante ;
Pois te adoro taõ constante ,
Com tanta fidelidade ,
Quanto na realidade
Deve hum coraçao amante.

MO-

M O T E.

*Eu 'fiou mal com meu amor,
Triste de mim, que farei!*

G L O Z A.

Por vár que me foi traidor,
E violou meu puro tratô,
Dei-lhe baixa por ingrato,
Eu 'fiou mal com meu amor.
A Raiva, a Ira, o Furor,
Contra seu peito arrojei;
Ao mesmo Céo implorei
O despojasse da vida,
Porém hoje arrependida
Triste de mim, que farei!

MO-

M O T E.

Se te fôr falso algum dia,

G L O Z A.

EU me veja deferrado
No meio da Lybia ardente,
Olhando continuamente
Para traz sempre assustado:
Passe a vida amargurado,
Lá na mata mais sombría,
E p'ra maior agonía,
Os Astros, o Mar, a Terra,
Contra mim declarem guerra,
Se te fôr falso algum dia,

Ao

Ao mesmo.

P Resistindo em te querer
 Irei com animo forte,
 Até mesmo além da morte,
 Se acaso isto pôde ser:
 Illesa sempre has de vêr
 No meu peito a idolatria,
 Aliás a terra fria,
 Abrindo huma boca ingente,
 Me subverta de repente,
 Se te fôr falso algum dia.

Ao mesmo.

S Im, Marfiza, s'eu faltar
 D'Amor á sagrada jura,
 Nunca chegue a ter ventura
 Naquillo, que desejar:
 E para maior pezar,
 Para mais dura agonía,
 De medonha penédia
 Me veja precipitado;
 Té me falte o Ceo Sagrado;
 Se te fôr falso algum dia. MO-

M O T E.

Zélos, paixaõ, e amor.

G L O Z A.

D'Arco, e aljava' adornado,
Os mimosos hombros nús,
Pelo bosque se introduz
O pequeno Deos vendado:
Alli com animo ousado
Fére a Ninfa, e o Pastor;
Eu, que de longe ao traidor
Os farpoens vi disparar;
Fugi-lhe por evitar
Zélos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

Entra, ás azas forçando,
Corta alegre os limpos áres,
E as duras settas aos pares,
Por elles correm sib'lando:
Eu, o golpe receando,
Lhe bradei: Tem maõ, traidor!
Ah! maõ vingues teu furor,
Aplaca o voraz effeito,
Naõ me introduzas no peito
Zélos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

Entra no meu templo horrendo,
(Me diz elle) perto estás,
Onde na Pyra verás,
Mortaes coraçoens fervendo;
O meu Edicto tremendo
Naõ revóga algum senhor;
Esta aljava, este furor
Fulmina cançadós ais,
Repartindo entre os mortais,
Zélos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

EStes triunfos ufanos
Com o meu poder abono ,
Pois fundei o Regio Throno
Sobre os coraçoens humanos.
Mil grilhoens pendem tyrannos
Do meu altar superior :
Para aterrarr meu furor
Os homens naõ terão arte ;
Pois semeio em toda a parte
Zélos, paixão, e amor.

Ao mesmo.

JUnto a meu Throno encurvado ,
Com mil lagrimas devotas ,
Offerece as entranhas rôtas
O Monarca sublimado :
Gême o Cidadaõ honrado ,
Suspira o pobre Pastor ;
A Dama com vivo ardor
Entra afflita lamentando ,
Todos supportaõ , clamando
Zélos, paixão, e amor.

do

Ao mesmo.

SE o inortal na solidão
Quer evitar os meus tiros,
Pensa mal, que nos retiros
Tambem labóra a paixaõ.
Tristes gemidos em vão
Sólta o misero amador,
E quando o meu passador
Rebate por termos tais,
Então lhe introduzo mais
Zélos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

AS crueis paixões ardentes,
Que os humanos experimentaõ,
Muitas vezes se fumentaõ
Entre brincos innocentes.
Rijas settas estridentes
Sólto com voraz ardor;
Corre o sangue com furor
Da ferida espadanando,
Por ella entraõ brincando
Zélos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

MOrtaes, da vossa fraqueza
Me quizéra condoer,
Mas naõ sei contrafazer
A fogosa Natureza.
Trago o Mundo nesta emprêza
Todô apôs o meu rigôr :
O meu fogo abrazadôr,
Pelos áres sibilando,
Nas faiscas vai levando
Zélos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

HUma faísca pequena
Destes meus fógos aérios,
Produzindo vitupérios,
Mil Monarchas desordena.
Os povos sentem a pena
Do meu genio turbadôr :
Revestem-se de furôr,
Correm á campanha horrivel ;
Onde lhe fôrmo insensivel
Zélos, paixaõ, e amor.

Ao

Ao mesmo.

O Uvindo estive assustado
 O que o cégo Deos dizia,
 E o quente sangue se esfria ,
 Nas vêas fica parado.
 Ergo o rosto descorado ,
 Já naõ vêjo o vil traidor ;
 No mago bosque hum ruimôr ,
 Eis-que de longe troava ,
 Em cuja voz se escutava
 Zélos , paixaõ , e amor.

Ao mesmo.

DE cadêas circulado ,
 A mil opprobrios opposto ,
 De Marilia ao lindo rosto
 Logo fui apresentado.
 Com semblante carregado
 Me diz o meu conductôr :
 Mortal , modéra o pavôr ,
 Ama da Ninfâ a pureza ;
 Mas vê que dá a belleza
 Zélos , paixaõ , e amor.

Ao

Ào mesmo.

Envolto nesta afflícçāo ,
Quiz-lhe humilde as maõs beijar ;
Porém indo-me encurvar ,
Cahio por terra o grilhāo .
Estremece a Ninfā entaõ
C'õ desabrido fragõr ;
Perde a linda , amavel cõr ,
Que mil sustos lhe usurpáraõ ,
E no peito lhe puláraõ
Zélos , paixão , e amor .

Ào mesmo.

Els-que do peito innocentē
Vou hum suspiro arrancando ,
Que , as tristes azas fechando ,
Morre no ár de repente .
Mas a Ninfā , que já sente
No transporte algum vigõr ,
Volta o rosto vencedõr
A meus olhos desgraçados ,
E nelles vê maniatados ,
Zélos ; paixão ; e amor .

Ào

Ao mesmo.

AH! pensei, que nas Aldéas,
Na pobreza das choupanas,
Naõ reteniaõ tyrannas,
Pezadas, longas cadeas.

Que o Deos de Cytéra, as vêas
Naõ feria do Pastor,
Que o dourado passador
Só ás Côrtes elevava,
Que só alli conspirava
Zélos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

Que emporta na soledade,
Naõ temér d'Amor conquista,
S'inda a mais singela vista
Nos captiva a liberdade.
Céde ao podér da beldade
O repugnante valõr,
Nenhum vivente he senhor
De quartar as leis á pena,
Quando a Natureza ordena
Zélos, paixaõ, e amor.

Ao

Ao mesmo.

TRISTE, afflita humanidade,
 Que a torpes paixões sujeita,
 Segues a barbara seita
 D' huma infame Divindade !
 Ah ! destróça sem piedade
 O vil grilhão traidor ;
 Sólte o falso, vil senhor
 Ardentíssimos gemidos ,
 Môrraõ por terra abatidos ,
 Zélos , paixão , e amor.

Ao mesmo.

TENDE , Pastores , cautéla ,
 Escondei o peito ás settas ,
 Que todas vôaõ directas
 Onde a liberdade anhela.
 O Deos fingido atropella
 Dos corações o valõr :
 O desprezo , a raiva , a dôr
 Cobre co'veo dos enganos :
 Ah ! temei , pobres humanos ,
 Zélos , paixão , e amor.

Ao

Ao mesmo.

ESTE Nume com presteza
Ensina os mortaes a amar,
E depois de os ensinar,
Crimina sua fraqueza.

Introduz-lhe com fereza

No peito vivo calor:

Com hum grilhao rugidor,
Por duplicar mais os danos,
Prende os coraçoens humanos,
Zelos, paixao, e amor.

Ao mesmo.

JOVE, que no Orbe luzido
Tem soberba potestade,
Soportou com igualdade
Enganos do Deos Cupido.

Atrevo-me este fingido

Ao mesmo Pai com rigor:

Seimeou, como traidor,

Nelle o seu veneno insano;

Pois tambem sentio Vulcano,

Zelos, paixao, e amor.

Ao

Ao mesmo.

Porém cerre o vil tyranno
Os ouvidos a meu rôgo,
Com desprezos, raiva, fogo,
Me atormente deshumano.
Soffra as leis do proprio damno
Este misero Pastor,
As garras, a ferrea dôr
Me crave no peito exangue,
Corraõ envoltos no sangue
Zélos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

Quem adóra apaixonado
Huma Pastora gentil,
Dá suspiros mil a mil,
Quer na aldeia, quer no prado.
Anda sempre allucinado,
Pensando na sua dôr:
Desconfia com ardôr
Dos prazeres, que se alteraõ;
As mesmas sombras lhe geraõ
Zélos, paixaõ, e amor.

CAN-



CANTIGAS.

Impunha o ferro encurvado,
Naõ te queiras demorar:
Vem a meus dias pôr termo,
O morte, vem-me matar.

Eu sinto desordenado
O coração palpitar:
A tésta vai-se enrugando,
O morte, vem-me matar.

Osangue nas longas vêas
Já naõ pôde circular:
Descompoém-se a Natureza,
O morte, vem-me matar.

Ah! naõ vás do Regio Thrôno
O Monarcha derribar:
Inclina-te aos meus gemidos,
O morte, vem-me matar.

Este

Este pôde a egregia patria

Com mil Leis utilizar :

Deixa-o fazer venturosos ;

O' morte, vem-me matar.

Naõ queiras qu'hum vil ciúme

Te venha o louro arrancar :

Corre, apressa os pés mirrados ;

O' morte, vem-me matar.

Fazé pois que a dura campa

• Vá hum triste povoar :

Ponhamos termo ás desditas ;

O' morte, vem-me matar.

Ao erguer do ferro curvo

Naõ me verás desmaiár :

Dobrarei gostoso o collo ;

O' morte, vem-me matar.

Hum suspiro taõ-fómente

Te protesto naõ soltar :

Gostoso irei aos Elyzios ;

O' morte, vem-me matar.

Ve

Vê que a todos os instantes
 Ando por ti a bradar :
 Sê-me hum dia favoravel,
 O' morte, vem-me matar.

Se á vista dos meus rivaes
 Hei de com zelos luctar ;
 Córta o fio dos meus dias,
 O' morte, vem-me matar.

Ah ! não cerres os ouvidos
 A's vozes do meu pezar :
 Sáhe do reino da agonia,
 O' morte, vem-me matar.

Para vêr se te enfureço
 Te quero desafiar :
 Vem infame, vem cruel ;
 O' morte, vem-me matar.

Sei que hum troféo limitado
 Te não pôde consolar :
 Porém cerra a isto os olhos ;
 O' morte, vem-me matar.

Não

Naõ vás o pupillo tenro
A' cárta mäi usurpar:
Võa a quem por ti suspira,
O' morte, vem-me matar.

Se os desprezos de Marfiza
Hei de afflito sopportar,
Tira-me da tetra opáca,
O' morte, vem-me matar.

Olha, que a tua demora
Chego afflito a condemnar:
Naõ me attendes?, Tu naõ vens?
O' morte, vem-me matar.

Acaõ tensido meu bem
'Nisso, empenho singular?
Cerra-lhe, morte, os ouvidos,
O' morte, vem-me matar.

Ella quer que eu mesmo a veja
Da minha dôr caprichar:
Naõ se lhe faça a vontade,
O' morte, vem-me matar.

Ah ! Marilia , tem piedade
 De meu peito desgraçado :
 Faze hum dia venturosa :
A causa do meu cuidado.

C A N T I G A S.

NO rigor desta montanha
 Suspiro de noite , e dia :
 Perdi a consolaçāo ,
Já já vai minha alegria.

Cobre-me o coração triste.
 O véo da melancolia :
 Vivo longe dos prazeres ,
Já lá vai minha alegria.

A minha alma atribulada
 Céde aos golpes d'agonia :
 Fere-me o zélo cruel ,
Já lá vai minha alegria.

D'a-

D'amor gostofo cantei
Nesta mûda serranfa :
Baralhou a forte os gostos ,
Já lá vai minha alegria.

Ao som de mortaes gemidos
Cresce a minha dôr impia :
Naô vejo senaô tristezas ,
Já lá vai minha alegria.

Procuro nestas montanhas
Das feras a companhia :
Horrorizaô-me os prazeres ,
Já lá vai minha alegria.

Meus suspiros desgraçados
Vaô tocar na esfera fria :
Gelaô-se-lhe as azas , morrem ,
Já lá vai minha alegria.

C A N T I G A S.

Vós, ó soberbos Heróes,
 Que as Cidades arražais,
 Entre a confusão das armas
Ouvireis meus ternos ais.

Vós, ó feras rigorosas,
 Que as montanhas povoais,
 Nas profundas cavidades
Ouvireis meus ternos ais.

Passarinhos inocentes,
 Que os leves áres montais,
 Equilibrai-vos sobre as azas,
Ouvireis meus ternos ais.

Vós, que ás lúcidas estrellas
 A's vezes vos elevais,
 Lá mesmo nessa eminencia
Ouvireis meus ternos ais.

Vós,

Vós , ó mudos nadadôres ,

Que as claras aguas cortais ,
Chegai-vos á superficie
Ouvireis meus ternos ais.

Vós tambem , Naiades bellas ,

Que as correntes habitais ,
Erguei as limosas frontes ,
Ouvireis meus ternos ais.

Vós , ó candidos Pastores ,

Que os gados apascentais ,
Pelos cumes das montanhas
Ouvireis meus ternos ais.

Cordeirinhos innocentes ,

Que a fôfa relva tozais ...
Mas eu morro , vós já não
Ouvireis meus ternos ais.



CANÇONETA.

M Usgosas grutas,
 Toscos rochêdos,
 Já meus segredos
 Não ouvireis.

Ay, ay socorro,
 Porque eu morro.

Pintadas Aves

Que medulando,
 Andais saltando
 Pelos raminhos.

Ay, ay, &c.

De monte em monte,

Dezerto vago,
 E a pena trago
 Por companhia.

Ay, ay, &c.

Tris-

Tristes suspiros
Aos áres solto,
Na pena envolto,
Que m'acompanha.
Ay , ay , &c.

A Parca dura.
A fouce erguendo ,
Já vein correndo
Para matar-me.
Ay , ay , &c.

Pállidas sombras
O ar toldando ,
Vaõ agourando
A minha vida.
Ay , ay , &c.

Nocturnas aves
Piando afflictas ,
Minhas desditas
Fazem patentes.
Ay , ay , &c.

Cobre-se o peito
 D'hum véo medonho,
 Tudo tristonho
 N'alma diviso.
 Ay , ay , &c.

Ah ! vem , Marfiza ,
 Com peito forte ,
 Livrar da morte
 O teu Lereno.
 Ay , ay , &c.

Vem a meus braços ,
 Vem , Ninf'a bella ,
 A minha estrelha
 Fazer ditosa.
 Ay , ay , &c.

CANÇONETA.

NAs fundas margens
Deste regato ,
Triste desfato
Lagrimas frias.

Mil agonias
N'alma pulando ,
Vaõ inspirando
Meus Versos tristes.

Mas tu insistes ,
Marfiza dura ,
Na desventura ,
Que me atropella.

O sangue gela ,
No coraçaõ
Dura afflicçaõ
Habita , e mora.

Cruel Pastora ,
 Não te atormenta
 A dôr , que aumenta
 Minha saudade ?

E's na verdade
 Mais desabrida ,
 Qu'a infurecida
 Tigre d'Hyrcana.

Dize , tyranna ,
 Porque razão
 Nosso grilhão
 Despedaçaste ?

Naõ te lembraſte
 Da fé jurada ;
 Dando a nevada
 Maõ em penhão ?

Peito traidor ,
 Alma perjura ,
 Assim se paga .
 Huma fé pura ?

CAN-

CANÇONETA.

Soprando irado,
Magro ciúme,
Ascende o lume,
Que me devóra.

Ay, ay, que o fogo
Recrece agora.

Perfida ausencia,
Em meu desdouro,
Tyranno agouro
Me vatecina.

Ay, ay, que he certa
A minha ruina.

Feros cuidados,
Em bando horivel,
Quadro temivel
Me estaõ mostrando.

Ay, ay, que a morte
Já vem voando.

Ancias funestas,
Lívidas penas,
A cruas scenas
Me desafiaõ.

Ay, que as esp'ranças
De todo esfriaõ.

Olha, vê quanto,
Linda Pastora,
Me cûsta agora
Vivêr distante:
Que dôres soffre
Meu peito amante.

Oh! praza ao Ceo,
Q'ausencia fêa
Quebre a cadêa,
Que nós separa,
Para nutrir-mos
A fé mais rara.

F I M.

PROTESTAÇÃO:

Protesta o Auctor, que algumas palavras, de que usa, como *Fado*, *Alma*, *Ceo*, *Divindade*, &c. saõ meramente tomadas no sentido Poetico, e como taes as offerece á dignissima Censura, sujeitando-se em tudo aos Santos Dogmas da noſſa Santa Fé.

IN-

INDEX.

SONETOS.

A Colmada choupana , o manso gado.	85.
A deos , mimosa Alcinda , que he chegado.	30.
A deos , Ninta do Vouga deleitoso.	9.
A fflicto gêma nesse Ayerno escuro.	27.
A h ! Marfiza cruel , ah ! fementida.	51.
A Lyra pendurei altisonante.	24.
A mor he dos mortaes flagello horrivel.	91.
A ntes passar a vida amargurado.	54.
A ntes quizera vêr o Lobo ifado.	4.
A o raivoso furor da Parca dura.	20.
A penas a manhã lá vem raiando.	34.
A prazivel campina , tempo amavel.	89.
A quelle grande Heróe aventureiro.	73.
A qui , Marfiza , tens meu peito afflito.	49.
A qui nesta apazivel soledade.	78.
A qui nestas algosas penedias.	42.
A qui tendes , mortaes , hum desengano.	154.
A rosa na manhã do Abril dourado.	88.
A s graças , que os cabellos enastravaõ.	33.
C ampos de Nazareth affortunados.	83.
C hegou , Alfira bella , o triste dia.	19.
C onseguiõ , finalmente , a morte impia.	31.
D a minha desventura acompanhado.	45.
D as entrâncias do pégo salinoso.	86.
D epois , Alfira bella , que o teu rosto.	6.
D epois , Belliza , que me vejo ausente.	58.
D epois de ter as rôdes apanhado.	87.
D epois que a linda Matcia me deixou.	62.
D epois que o grilhão duro pendurei.	38.
D es-	

I N D E X.

D'escarros a parede matizada.	61.
Desprézo o gado, ao valle desço, onde.	15.
De te adorar, Marfiza, não espero.	71.
Do seio dos Avernos pavorosos.	40.
Emnegraraó-se os vastos Horizontes,	47.
Esn quanto a linda Alfira neste prado.	5.
Em quanto, Jónio, tu na excelsa Corte.	65.
Ergueo a morte a maô mirrada, e fria.	21.
Esta que vês, Marfiza, frauta bella.	68.
Eu amei com desvêlo a Nize bella.	76.
Eu as Graças cantei da linda Alfira.	66.
Eu passo as longas horas suspirando.	35.
Eu quizera, Marfiza, persuadir-me.	60.
Eu vi hum dia a candida Marfiza.	64.
Falta o Rei na conquista dilatada.	81.
Foge, amavel Pastora, da Cidade.	25.
Fugio do mundo a candida amizade.	69.
Gentil Marfiza, teu divino rosto	57.
Ha na margem do Vouga huma Pastora.	41.
Hum dia de tristeza arrebatado.	67.
Hum dia o graó Tipheu convoca irado	23.
Hum dia, que Lerenó só andava.	14.
Hum toma por empreza, o mar cruzando.	3.
Ingrata, conheci a aleivozia.	93.
Lerenó com Alfira hum certo dia.	52.
Manda, linda Marfiza, o duro fado.	48.
Minha bella Pastora, quem diria.	26.
Na doce habitaçô de sta campina.	56.
Na mata canta o melro negrijante.	18.
Naô podendo soffrer a saudade.	8.
Naô tem do Vouga a placida campina.	7.
Na solitaria playa se queixava.	46.
Nasceo Marilia, e Venus encantada.	82.
Nas ruinas de Troia, e de Cartago.	92.
N'hum	

N'hum bosque de Loureiros fabricado.	53.
No pé destes Loureiro alto, e robusto.	70.
No seio pavoroso d'hum gruta.	63.
No tribunal da petulante inveja.	50.
O Cofre de safiras marchetado.	80.
Oliado, está hum frio exasperado.	74.
O Regio manto, a veste do Pastor.	32.
Os dias passo afflito suspirando.	75.
O tempo audaz, que os brazes não respeita.	55.
O tu, que descuidado neste mundo.	22.
Para abater minha isençāo severa.	44.
Para cantar da tua gentileza.	36.
Para ruina inteira dos humanos.	90.
Póde hum rival, do zélo penetrado.	10.
Pouco importa, que o sordido avarento.	39.
Profundos valles, toscas penedias.	77.
Que despreza a cruel melancolia.	37.
Quem vive n'hum dezerto pavoroso.	84.
Rasgue-me embora a pallida tristeza.	79.
Se eu me vira n'hum carcere metido.	16.
Sobre a ponte do Vouga debruçado.	14.
Sólta a linda madeixa d'outo fino.	43.
Sonhei, linda Marfiza, que beijava.	72.
Soprava o vento já com força imgeme.	13.
Tenho hum pobre rebanho, que apascento.	12.
Tyanno Amor, os teus grilhõens pezados.	59.
Vai, Alfira cruel, Pastora infida.	28.
Vendo a discordia vil, que não podia.	29.
Vinte Sóes ululei por estes prados.	17.

O D E S.

A hum vergel,	126.
A negra Furia, que prefide attenja.	113.

Í N D E X

<p>A porta sentada.</p> <p>Das malignas paixões o bando enorme.</p> <p>Debaixo d'hum freixo</p> <p>Em quanto, caro Silvio, afflito colhe.</p> <p>Eu não canto os Heróes sanguimolentos.</p> <p>Eu triunfava.</p> <p>Lá junto ás margens do Zella.</p> <p>Mimoso Alfira.</p> <p>Naô tenho labouras.</p> <p>Nas frígidas noites.</p> <p>Pensa, Montano.</p> <p>Quantos, prezado amigo, as leves horas.</p> <p>Quebra, Fileno, as ávidas cadéas.</p> <p>Teu rosto, Pastora linda.</p> <p>Tyranna hypocrisia, horrendo monstro.</p>	<p>120.</p> <p>106.</p> <p>118.</p> <p>103.</p> <p>94.</p> <p>129.</p> <p>116.</p> <p>133.</p> <p>124.</p> <p>122.</p> <p>131.</p> <p>97.</p> <p>101.</p> <p>117.</p> <p>109.</p>
---	---

E C L O G A S.

<p>Hun dia o mais sereno, e socegado.</p> <p>Pela encosta d'hum monte solitario.</p>	<p>159.</p> <p>135.</p>
--	-------------------------

I D Y L I O S.

<p>Já tinha a fria noite sobre a terra.</p> <p>Já torna o frio, macilento Inverno.</p> <p>Sentado ao pé da rustica chopana.</p>	<p>177.</p> <p>173.</p> <p>169.</p>
---	-------------------------------------

E P I S T O L A S.

<p>Naô teimes, Nize, naô: porque o meu peito.</p> <p>Olindo amado, que nas margens verdes.</p>	<p>185.</p> <p>182.</p>
--	-------------------------

S A

S A T Y R A S.

- Caro, Illustre Vieira, se o Destino. 187.
 Nas desordens do Mundo contemplando. 192.

C A N T A T A S.

- Da tristonha caverna o Padre E'olo. 206.
 Formosa Marfiza. 197.
 Já se avista no candido Horizonte. 210.
 Oh ! como nasce alegre o Sol dourado ! 202.
 Voêmos, Musa, ao crystalino aßento. 213.

M O T E S.

- Eu chorando, e tu contente. 219.
 Eu 'stou mal com meu amor. 222.
 Peguei nos grilhoens d'Amor. 217.
 Premiar os teus desvéllos. 221.
 Se queres vêr minha dôr. 218.
 Se te fôr falso algum dia. 223.
 Zélos, paixaó, e amor. 225.

C A N T I G A S.

- Impunha o ferro encurvado. 236.
 Logo apenas vi, Marilia. 240.
 No rigôr desta montanha. 242.
 Vós, ó soberbos Heróes. 244.

C A N Ç O N E T A S.

- Musgosas grutas. ΟΞ·ΑΑ·Α·ΟΞ·ΑΞ·ΑΞ·
 Ria. Ναρ.

3 2 2 2
Nas fundas margens.
Soprando irado.

249.
251.

F I M.

8

70 70 A AA 30

**THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
GRADUATE LIBRARY**

DATE DUE

--	--	--

